QUEM ESTÁ NA ESCUTA?

DIÁLOGOS, REFLEXÕES E TROCAS DE ESPECIALISTAS QUE DÃO VEZ E VOZ ÀS CRIANÇAS

mapa da infância brasileira

SUMÁRIO

ALÔ, QUEM FALA? POR MAPA DA INFÂNCIA BRASILEIRA 3

RETRATO EM POSITIVO ENTREVISTA COM MANUEL JACINTO SARMENTO 5

CRIACIDADE ■ VOZES DA CIDADE

A ARTE DE ADENTRAR LABIRINTOS INFANTIS POR ADRIANA FRIEDMANN 16

HUMARA BACHPAN ■ NDIPHILILE: EU ESTOU VIVA!

POÉTICA DA INFÂNCIA POR SEVERINO ANTÔNIO E KATIA TAVARES 25

PEQUEÑOS GRANDES MUNDOS ■ COLEÇÃO DAS CRIANÇAS DAQUI

TESSITURA DE VÍNCULOS EM CAMPO POR DAVID REEKS E RENATA MEIRELLES 34

PROJETO ENCONTROS ■ EMEI DONA LEOPOLDINA

NARRATIVAS DO OLHAR POR GABRIELA ROMEU 41

TECENDO SABERES ■ CECIP

CARTOGRAFIA DE UMA ESCUTA SENSÍVEL POR LINDALVA SOUZA 49

INFANT PERÚ ■ TE RE-CREO, TUS NOTICIAS

PARA LER, VER E COMPARTILHAR 60

ALÔ, QUEM FALA?

Esta publicação sinaliza caminhos, constrói pontes e abre atalhos para uma temática bastante cara nos dias de hoje: a importância em ouvir, observar e dialogar com o universo da criança. No entanto, ainda que as práticas de escuta infantil estejam cada vez mais disseminadas em esferas e ambientes distintos, no público e no privado, na cidade, na escola e em instituições diversas, é urgente ampliar o debate sobre questões que iluminam abordagens históricas, metodológicas e éticas.

Quem está na escuta? reúne artigos de pesquisadores que atuam em diferentes áreas e quem abre a discussão, numa entrevista exclusiva, é Manuel Jacinto Sarmento, professor em Sociologia da Infância da Universidade do Minho, de Portugal. Ele trata da participação infantil na cidade e da representação da infância nos dias de hoje no texto intitulado *Retrato em positivo*. Para Sarmento, é urgente estabelecer uma relação recíproca, de fala e de escuta, entre adultos e crianças.

Assim como Ariadne, a educadora e antropóloga Adriana Friedmann, idealizadora do Mapa da Infância Brasileira, aponta caminhos em *A arte de adentrar labirintos infantis*. Escutar as crianças, diz a pesquisadora, é como fazer uma viagem ao território da infância. No percurso pelos universos infantis, o viajante descobre diversidade de linguagens, costumes, sabores, cheiros, músicas, danças, brincadeiras, histórias e paisagens. Assim, ao escutar e descobrir o que as crianças têm a dizer, novos mundos e repertórios descortinam-se à frente do adulto.

Para ouvir as crianças, no entanto, é preciso estar atento à *Poética da infância*. Nesse artigo, os professores e pesquisadores Severino Antônio e Katia Tavares tratam de uma educação em que as crianças possam pensar, sentir e se expressar poeticamente. Os autores defendem que as crianças, principalmente as pequenas, exercitam espontaneamente um pensamento mitopoético, em que tudo fala, assim como se transforma em tudo.

Em *Tessitura de vínculos em campo*, os documentaristas David Reeks e Renata Meirelles, coordenadores do Território do Brincar, abordam as relações entre pesquisador e criança em momentos de encontros marcados pelo espontâneo, num banho de rio ou compartilhando brincadeiras. Contam que há uma busca genuína em revelar-se como pessoa, antes mesmo de se mostrar em papéis como pesquisador, educador ou fotógrafo na missão de dar voz às crianças. A "fala" da criança, aliás, extrapola a oralidade. E, assim, os gestos infantis expressam verdades do humano.

Dos gestos aos olhares. Radiografando uma espécie de etnografia literária e poética, a jornalista e documentarista Gabriela Romeu, uma das idealizadoras do Infâncias, traça perspectivas da observação em *Narrativas do olhar (notas de um diário)*. Com que olho eu olho? Numa multiplicidade do visível, a pesquisadora empresta olhos de diferentes personagens da literatura para experimentar escutar longe e espiar além, provocando deslocamentos e desestabilizando certezas nos processos.

Os sentidos de ouvir foram também ampliados. A arte-educadora Lindalva Souza, coordenadora do Vozes da Infância Brasileira (VIB), traça rotas diversas para uma escuta lúdica, que inclui criação de mapas, construção de objetos, oficina de desenhos e brincadeiras de faz de conta. Para compartilhar as muitas formas de "ouvir" meninos e meninas de diversas instituições de São Paulo, o convite é percorrer o texto *Cartografia de uma escuta sensível*.

Mas há ainda mais rotas e caminhos para trilhar: outras experiências de escuta infantil ao longo das páginas são ricas fontes de inspiração. E, para quem ainda tiver fôlego, vale seguir a jornada com referências de livros, sites e filmes que fomentam a discussão.

Boa viagem! Boa leitura!

MAPA DA INFÂNCIA BRASILEIRA
www.mapadainfanciabrasileira.com.br

PARA NAVEGAR MAIS

Sempre que aparecer este código, também chamado QR Code, é sinal que ali há mais informações para descobrir e navegar. Para ter acesso ao conteúdo, é preciso dispor de uma câmera em um telefone celular e um programa feito para ler o código. Depois, basta apontar o leitor do celular para a imagem que o aplicativo rapidamente converte o código e carrega um link.

Na relação entre adultos e crianças, quem está na escuta e quem é que tem voz? Para o professor em Sociologia da Infância Manuel Jacinto Sarmento, da Universidade do Minho, de Portugal, mais do que ocorrer uma inversão de papéis, em que criança fala e adulto escuta, é preciso tornar essa relação recíproca. Desafio tremendo numa sociedade que, em geral, "não dedica atenção suficiente para descobrir o que pensam e o que querem meninos e meninas".

O pesquisador, dedicado a temas como a condição social da infância e culturas infantis, destaca que nas últimas três décadas vem ocorrendo uma ruptura com um retrato da infância em negativo – que não fala, que não pode, que não sabe. "Assim, a criança começa a ser cada vez mais pensada a partir do que é, do que sabe, do que pode, das suas competências, das suas formas de construir cultura, do modo como elabora sistemas ideológicos não necessariamente coincidentes com os dos adultos."

Nessa esteira de transformação, o professor cita também o rompimento com a ideia equivocada de que as crianças são indivíduos em devir – ou um vir a ser. “Todos seres humanos – crianças, adultos, idosos – estão em processo de mudanças e transformações contínuas, do ponto de vista biológico, ideológico, intelectual e cultural. O devir é próprio da condição humana, não é específico da infância”, explica Sarmento, chamando a atenção para pensar a infância a partir da positividade de suas próprias características.

Na entrevista a seguir, o pesquisador português trata de temas relacionados à representação da infância nos dias de hoje, quando impera uma imagem midiatizada da “criança do horror”, à escuta das crianças em diferentes esferas, contextos e países e à participação infantil nas cidades. As crianças, por terem uma enorme plasticidade da renovação das formas e dos conteúdos, poderão propor e sugerir outros modos de ver o mundo que não aqueles cristalizados nas culturas dominantes”, define Sarmento. **(GABRIELA ROMEU)**

> A MODERNIDADE INSTITUI UMA INFÂNCIA SEPARADA DOS ADULTOS QUE SE CARACTERIZA EXATAMENTE PELA DEFINIÇÃO DAQUILO QUE ELA NÃO TEM, MAIS DO QUE PELA DEFINIÇÃO DAQUILO QUE A CRIANÇA É, PODE, FAZ.

ARQUIVO PESSOAL

Como a criança vem sendo pensada ou entendida ao longo dos últimos séculos, desde o nascimento do sentimento de infância?

A criança foi por muito tempo pensada basicamente em torno de duas ideias essenciais: 1) a de que ela não tem uma cultura própria e precisa ser educada; pra isso são criadas instituições como as escolas para que ela possa adquirir a cultura dos adultos; 2) a de que não tem também uma moralidade própria e que por isso precisa ser socializada dentro dos valores, das

normas, das regras, do comportamento para que possa exercer suas funções enquanto adulto de forma integrada. De alguma maneira a modernidade institui, então, uma infância separada dos adultos que se caracteriza exatamente pela definição daquilo que ela não tem, mais do que pela definição daquilo que a criança é, pode, faz. Por isso precisa ser educada. A infância da Modernidade é uma infância pensada como uma geração em devir, em transformação, no sentido de futuro. De qualquer forma, importa-nos pensar que todos seres humanos – crianças, adultos, idosos – estão em processo de mudança e transformação contínuas, do ponto de vista biológico, ideológico, intelectual e cultural. O devir é próprio da condição humana, não é específico da infância. O que aconteceu nos últimos 25 anos foi uma ruptura com essa concepção da modernidade. Assim, a criança começa a ser cada vez mais pensada a partir do que ela é, do que ela sabe, do que ela pode, das suas competências, das suas formas de construir cultura, do modo como ela elabora sistemas ideológicos, não necessariamente coincidentes com o dos adultos; faz isso no mundo social em relação aos adultos, nas relações entre crianças. Essa é a grande transformação nos últimos, digamos, 25 anos, 35 anos no máximo, no pensamento sobre a infância: a criança é pensada a partir da positividade das suas próprias características.

> "NO INÍCIO DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL SURGE A IMAGEM DA CRIANÇA TRAQUINA, TRANSGRESSORA, REBELDE E, EVENTUALMENTE, PERIGOSA PARA A SOCIEDADE.

Quais representações de infância foram surgindo desde então?

Ao longo de todos os tempos, houve mudanças na concepção da infância. A criança foi estigmatizada como uma criança romântica, inocente, boa, bela, pura. Já no início da Revolução Industrial surge a imagem da criança traquina, transgressora, rebelde e, eventualmente, perigosa para a sociedade. Um exemplo é o romance *Oliver Twist*. Essa personagem de Charles Dickens é muito reveladora dessa situação. A criança é uma vítima social e, ao mesmo tempo, considerada pela sociedade como alguém que necessita ser contida porque sua transgressão põe em risco as normas sociais. Existe, portanto, uma concepção da criança romântica e uma concepção da criança transgressora ou perigosa – ou as visões angelical e demoníaca da criança.

Daria para dizer qual é o retrato da infância que tem vigorado mais recentemente?

Nos últimos anos, a partir de 2004 ou 2005, particularmente na Europa – e suponho que também no Brasil e na América Latina –, o que tem dominado a representação da infância na mídia é a da criança como imagem do horror, por exemplo, a criança que morre solitária nas praias da Turquia, em consequência da fuga para a Europa. A imagem que é midiatizada é a do horror. Vejo que esta é uma mudança significativa, pois estamos num tempo em que a crueldade social e a desagregação da própria sociedade, em consequência de múltiplos conflitos e das crises do capitalismo financeiro, são situações que ocorrem em vários países. Tudo isso tem consequência sobre a vida das crianças, o modo como são tratadas e, em particular, a maneira como a mídia e a opinião pública as estigmatizam. Eu acho que a criança do horror é hoje a imagem de um tempo de grandes preocupações, um tempo em detrimento das calamidades que vivemos.

> HOJE AS CRIANÇAS ESTÃO MUITO MIDIATIZADAS, SOBRETUDO SOBRE ESSA FORMA DA CRIANÇA DO HORROR.

Num livro que coorganizou, *Infância (in)visível* (Junqueira & Marin, 2007), o senhor fala que a sociedade muitas vezes esquece a criança e que é preciso respeitar o direito de viver a infância, entre outras questões que vão sendo tecidas ali. Queria que o senhor falasse um pouco mais sobre a invisibilidade da infância, com relação à cidadania, ao meio científico e na própria sociedade.

Para que a situação possa ser descrita melhor, o livro a que refere coloca o *in* entre parênteses, criando a tensão entre visibilidade e invisibilidade. Hoje as crianças estão muito midiatizadas, sobretudo sobre essa forma da criança do horror. Mas é verdade que, em geral, não dedicamos atenção suficiente para ver o que as crianças querem e o que pensam. Apesar dos esforços significativos que têm sido feitos no âmbito dos chamados estudos da Infância, o que tem ocorrido de forma muito acentuada nos últimos tempos é uma preocupação em definir os modos de comportamento com que os adultos interpretam as crianças: tentar ver o modo como as crianças estão, como elas agem, como se comportam etc. Desenvolveu-se muito significativamente, nos últimos anos, uma literatura de autoajuda, de diferentes gurus, que tem exatamente essa intenção: como educar melhor seu filho, como criar crianças competitivas na escola, como garantir que a criança se salve numa selva humana. Existe uma série de

livros dessa natureza, e eu creio que essa é uma forma de contribuir para a invisibilidade da infância. Em nome de dar visibilidade à infância, esses livros acreditam explicar os comportamentos da criança, seus modos de pensar, seus modos de agir. Há, portanto, uma relação paradoxal.

O senhor falou sobre ouvir a criança, de uma escuta, algo que é bastante recente e que vai na contramão das questões da história que levantou. Eu queria entrar um pouco mais nessa questão. Quando é que surge esse processo de escuta e como que os adultos podem abrir processos nesse sentido, que incluam as crianças em suas manifestações mais genuínas, em suas formas de se expressar?

Hoje eu vejo que se tornou um lugar-comum ouvir a voz das crianças, mas é uma ideia que vai na contramão de tudo aquilo que tem sempre sido teorizado sobre as crianças. As crianças têm sido colocadas no lugar de quem escuta e não no lugar de quem fala. E é importante esse esforço. Não no sentido de inverter esses lugares, mas no sentido de torná-los recíprocos. A criança tanto fala quanto escuta, assim como o adulto simultaneamente deve tanto falar quanto escutar nessa relação. Essa questão se coloca em vários níveis, um deles é o educacional. A escola foi pensada, sobretudo, numa perspectiva de ensinar as crianças a partir de uma cultura exógena a elas. Mas isso foi evoluindo historicamente. E hoje a ideia de ouvir as crianças no plano pedagógico significa que os saberes escoados não advêm apenas dos saberes instituídos pelo currículo oficial, mas podem ser construídos nos saberes instituídos nas relações dos adultos com as crianças, na construção do conhecimento. Isso significa uma alteração profunda do ponto de vista da relação pedagógica e do ponto de vista da ação educativa. É curioso, pelo menos em Portugal, essa alteração é muito mais visível na educação infantil do que nos níveis posteriores.

> A CRIANÇA TANTO FALA QUANTO ESCUTA, ASSIM COMO O ADULTO SIMULTANEAMENTE DEVE TANTO FALAR QUANTO ESCUTAR.

E como essa escuta ocorre, ou não, no âmbito das políticas públicas?

No plano político, temos que reconhecer que há um retrocesso significativo da nossa sociedade no que diz respeito a ouvir a voz das crianças. As crianças são mais consideradas como destinatárias das políticas públicas e muito menos como sujeitos dessas políticas públicas. No

entanto as crianças têm opiniões e posições, e essas posições e opiniões são relevantes, para o que se passa, por exemplo, na escola ou na cidade. Ouvir as vozes das crianças no domínio das construções das políticas públicas parece logo algo essencial. Não para transformar as crianças em deputados, vereadores, prefeitos ou secretários, mas para que essa voz, da forma como ela pode ser expressa, tenha influência no domínio da vida em comum. E aqui estão dois conceitos centrais: o da participação, pois as crianças devem ter a possibilidade de influenciar a vida coativa, e o de cidadania, pois as crianças não são pré-cidadãs, as crianças são cidadãs ativas e assim devem ser tratadas.

Como é que esses conceitos se concretizam na prática?

Bom, no plano das instituições, pode ocorrer a criação de dispositivos de escuta da voz das crianças, por exemplo, assembleias e conselhos das crianças. No plano municipal, vejo que a questão fundamental está em ter uma contínua capacidade de mobilização da opinião das crianças por múltiplos meios, por exemplo, através de sondagens de opinião junto às crianças, frentes de acordo com a voz das crianças, dar abertura de espaço de comunicação livre das crianças, como chats coativos, possibilidade das crianças se dirigirem aos prefeitos e aos responsáveis políticos para exprimirem sua opinião. E creio também que faz sentido e é necessária a constituição de estruturas representativas, de conselhos municipais em que as crianças possam participar. Em alguns municípios com algum êxito estão experimentando a inserção das crianças no orçamento participativo através, por exemplo, da criação de uma verba própria dentro do mesmo, sobre a qual elas possam pronunciar suas opções. Isso me parece muito positivo. Sinto que é sempre necessário conciliar dois riscos: o risco da manipulação e o risco de pensar que as crianças vão agir como se fossem políticos adultos. Ora, se as crianças agirem como políticos adultos, deixam de ser crianças e, portanto, perde-se completamente o sentido daquilo que é a participação infantil.

> CREIO QUE FAZ SENTIDO E É NECESSÁRIA A CONSTITUIÇÃO DE ESTRUTURAS REPRESENTATIVAS, DE CONSELHOS MUNICIPAIS EM QUE AS CRIANÇAS POSSAM PARTICIPAR.

É possível pensar essa participação infantil nas esferas estaduais e federais?

Penso a participação infantil no plano municipal, que é o plano das noções políticas das proximidades. Já é mais difícil, por exemplo, pensar nessas formas de participação no plano nacional. Ou mesmo, no caso do Brasil, no plano estadual. No entanto há formas múltiplas de participação em outros planos. Nessa matéria, o Brasil é absolutamente exemplar, posso citar ações no movimentos sociais com crianças, como o Movimento Nacional Meninos e Meninas de Rua e o Movimento Sem Terrinha, que são talvez os que eu conheço melhor, pois tive a oportunidade de trabalhar com colegas brasileiros e brasileiras que atuam nesses projetos. Mas é no plano municipal que encontramos a melhor forma de garantir a participação. Há movimentos de cidades amigas das crianças ou ainda de cidades educadoras, que vão um pouco ao encontro dessa ideia, fazendo com que a vida seja de fato coativamente construída também pelas crianças. Eu próprio dirijo um projeto numa cidade aqui próxima, Guimarães, chamado Carta da Cidadania Infanto Juvenil, cujo objetivo é que as crianças e os jovens possam participar coativamente da vida em todos os assuntos fundamentais. E fizemos isso através de uma mobilização de crianças nas diferentes estruturas municipais, que aqui são freguesias, os bairros onde as crianças foram mobilizadas para se pronunciar sobre os mais diferentes assuntos, virando um documento que aponta linhas estratégicas de viabilização dos direitos das crianças e dos jovens no contexto municipal. Repito, nós precisamos encontrar formas imaginativas de fazer essas mobilizações que não sejam manipulatórias nem breves simulacros de participação.

> NÓS PRECISAMOS ENCONTRAR FORMAS IMAGINATIVAS DE FAZER MOBILIZAÇÕES QUE NÃO SEJAM MANIPULATÓRIAS.

Falando desses projetos e iniciativas inspiradoras, o senhor destaca alguns países exemplares?

O que acontece é que os contextos econômicos e políticos de cada país afetam profundamente o modo como se concebem e se desenvolvem as políticas públicas, pelo menos as políticas públicas para a infância. Vou dar um exemplo: o movimento lançado pelo Unicef relacionado às cidades amigas das crianças teve uma enorme influência na Itália. Mas o governo Berlusconi conseguiu criar condições de destruição de tudo. Agora, entre os movimentos amigos das criança, há exemplos muito interessantes em países da América Latina, como a Argentina. Encontramos também algumas cidades

amigas das crianças que são exemplares do ponto de vista do desenvolvimento do seu trabalho na Espanha, na região da Catalunha. O Brasil é um país que costuma ser outro exemplo importante. Do ponto de vista das políticas públicas respeitadoras dos direitos da infância costumam ter destaque países como a Noruega. Mas, como disse, tudo isso varia muito conforme os contextos, as condições e, sobretudo, os enquadramentos político e econômico dos países.

O senhor falou um pouco sobre a questão de projetos sobre e para crianças, mas gostaria que comentasse sobre a coautoria infantil nas pesquisas. Como é que as pesquisas podem trabalhar de fato com a ideia de coautoria das crianças?

Dois aspectos fundamentais a considerar. O primeiro aspecto tem a ver com a escuta das vozes da criança na pesquisa. Isso significa buscar uma rigorosa fidelidade do modo como as crianças se exprimem. E as crianças se exprimem pela palavra, pelo corpo, pelo gesto, pelos desenhos, pelas formas gráficas que realizam. Essa rigorosa atenção aos conteúdos e às formas de comunicação das crianças na pesquisa exigem metodologias verdadeiramente adaptáveis a elas. Ultimamente, por exemplo, temos desenvolvido trabalhos na produção de metodologias visuais com crianças – os vídeos. Difícil hoje realizarmos trabalhos e pesquisa com crianças que não recorram a essas metodologias visuais. E nesse sentido é necessário considerar todos os recursos éticos e ter uma grande finura do ponto de vista da capacidade de interpretação daquilo que as crianças fazem. Admitindo sempre que muito da comunicação da criança pode ficar em suspenso e não ser um objeto de interpretação. O pesquisador tem sempre a obrigação de propor as suas interpretações, mas com reserva correspondente à ideia de que não vai totalizar a informação das crianças. Isso é muito comum ao analisar os desenhos das crianças; há sempre coisas que nos supreendem e coisas que provavelmente não são suscetíveis à interpretação e ficam suspensas.

> AS CRIANÇAS SE EXPRIMEM PELA PALAVRA, PELO CORPO, PELO GESTO, PELOS DESENHOS, PELAS FORMAS GRÁFICAS QUE REALIZAM.

O segundo aspecto tem a ver com uma ampliação da escuta das vozes da criança também no próprio momento de concepção e desenvolvimento da pesquisa. Não apenas com relação à informação que as crianças produzem, mas a própria definição do que vai ser a pesquisa, de quais

são os métodos e técnicas que serão usados, quais são os procedimentos. Essa participação das crianças é o que configura as metodologias participativas de pesquisa com crianças. Aqui há um momento absolutamente determinante e de poder: a criança vai ter o poder de dizer "vamos por aqui ou por ali" juntamente com o pesquisador. Não se trata de um poder absoluto, mas de um poder partilhado. Assim, a criança cria seus próprios diários de campo, produz fotografias e filmes, constrói as suas próprias interpretações. A pesquisa será depois o resultado dos múltiplos aportes que é da produção dos dados, que são feitos, neste caso, pelas crianças e pelos investigadores adultos. Isso é também outro método no qual temos dado alguns passos para a construção das pesquisas participativas com meninos e meninas, em que o poder da criança marca efetivamente os resultados da pesquisa.

Ao resgatar o olhar das crianças e ao incluí-las nos processos participativos, a gente pode construir uma visão renovada dessa sociedade, ou seja, a gente pode transformar a sociedade se levarmos isso a sério?

É muito interessante porque, nos últimos anos, vários filósofos que se debruçam sobre a criança, como Giorgio Agamben, Walter Cohan, Jorge Larossa e José Gil, têm afirmado isso. É como se houvesse uma descrença na capacidade dos adultos em renovarem o mundo. E nós temos necessidade de buscar esse lado, esse lugar inicial, aparentemente não contaminado das crianças para fazer ações de inovação. Acho que essa ideia é interessante, no entanto tenho algumas reservas. Sei que as crianças não vivem fora do mundo social e vivem em constante interação com os adultos, não existe o puro olhar da visão infantil. O olhar é sempre, desde o primeiro momento, contaminado pela cultura, e essa cultura as crianças partilham com os adultos. Agora, é verdade que as crianças, por terem uma enorme plasticidade da renovação das formas e dos conteúdos, poderão propor e sugerir outros modos de ver o mundo que não aqueles que estão cristalizados nas culturas dominantes das nossas sociedades. ■

"O OLHAR É SEMPRE CONTAMINADO PELA CULTURA, E ESSA CULTURA AS CRIANÇAS PARTILHAM COM OS ADULTOS.

CRÉDITOS DAS FOTOS: PETRA PEZIBEAR / NHAT-TIEN LE / EDDY VAN WALLENDAEL / BRUNO GADJET / J. MARCOCHI / STEVEN MEAN / YOLANDA COERVERS / RITA EISENKOLB / AMBER CLAY / BESS HAMITI / LISA RUNNELS / JAN DEN OUDEN / QUIM MUNS / PAM SIMON / ANDI KETAREN / LUIDMILA KOT / NGUYEN DINH LICH / ABIGAIL THOMPSON / ARAVIND KUMAR / THOAI CAO / MICHELLE MARIA / NATHANEL LOVE / DAVID WAGNER / RUSLAN GILMANSHIN / JAQUELINE SCHMID / NICO GRUTTER / SALLY WYNN / MIHAI PARASCHIV / YANNICK LEPÈRE / DIMITRIS VETSIKAS WWW.PIXABAY.COM

CRIACIDADE

Imagine uma praça com brinquedos idealizados por crianças, uma escola onde as paredes guardam desenhos dos alunos e uma rua onde amarelinhas são pintadas para receber os rastros da infância. Assim é uma comunidade na qual atuou o CriaCidade, que, no Glicério, região central de São Paulo, transformou o espaço público por meio do olhar das crianças.

Nayana Bretas, fundadora da organização, desenvolve a metodologia Criança Fala, que constrói um caminho lúdico que resulta numa conexão com as crianças em que tudo flui junto e o sentir é uma escuta não verbal. Para a socióloga, a criança fala, tem desejos, sonhos e opiniões. É preciso o adulto estar aberto a escutar.

Na mira do protagonismo, Nayana arrebanha arquitetos, educadores, psicólogos e brincantes para ouvir e trabalhar em parceria com as crianças. Juntos, constroem um mapa afetivo da comunidade onde todos participam, dialogam, identificam símbolos amorosos locais e lugares onde possa existir mais lazer.

Com brinquedos, desenho, pintura, áudio e vídeo, o impulso ganha força, a paisagem se modifica e abre espaço para que criaturas divertidas e outras encantadas habitem muros, que antes eram envelhecidos e sem vida. Além de São Paulo, o projeto tem inspirado iniciativas públicas e privadas no Distrito Federal. Afinal, muitas vezes, o que falta para uma criança é simplesmente mais cor nesse mundo tão cinza dos adultos.

FOTOS SHEILA SIGNÁRIO/CRIACIDADE

Cidade das crianças
Na publicação digital *O Glicério por suas crianças*, é possível percorrer as ruas do bairro central de São Paulo pelo olhar das crianças. Há boas dicas de como trabalhar com meninos e meninas atividades de percepção da cidade e o mapa afetivo que traduz de um modo particular o lugar onde moram.
www.criacidade.com.br

VOZES DA CIDADE

AVANTE/VOZES DA CIDADE

Em busca de um mapeamento para reduzir a desigualdade e a violência urbana de Salvador (BA), o projeto Vozes da Cidade privilegiou consultas e escutas qualificadas para promover uma sociedade democrática onde a participação é um direito legítimo do cidadão, inclusive de crianças e adolescentes.

O programa surgiu a partir da Plataforma dos Centros Urbanos (PCU), do Unicef, e contou com a parceria da organização Avante e da prefeitura municipal de Salvador para realizar 127 encontros com dez grupos de crianças, um por região administrativa da cidade.

Para Ana Marcílio, psicóloga social e consultora da Avante, o estudo revelou que as crianças são conscientes do seu entorno e que elas sabem bem o que falta para melhorá-lo. O que elas querem é uma cidade limpa, com mais lazer, mais parques e onde os transportes funcionem.

A partir de disparadores temáticos, trabalhados em formatos diversos (desenhos, pinturas, rodas de conversas, músicas e brincadeiras), Ana vivenciou experiências que trazem à tona um grande mosaico da diversidade cultural da capital baiana e da capacidade das crianças para apontar as riquezas e as deficiências da cidade.

O estudo priorizou a mobilidade urbana, mas trouxe também os sentimentos das crianças, seus medos e seus modos de pensar sobre a família, a escola e o caminho da escola. Entre os diversos depoimentos colhidos, o de uma garotinha chamou a atenção da psicóloga: “Aqui, a gente tem que ocupar a rua porque estamos perdendo espaço nas calçadas para nossas brincadeiras”.

Depoimentos como esse soaram tão forte que Ana não tem dúvida que o relatório Vozes da Cidade, concluído em 2015, lança uma luz para que políticas públicas contemplem o olhar da criança para uma cidade melhor. Que essas vozes ecoem por muitos cantos.

Como dar vozes

É possível conhecer a sistematização da experiência com as crianças na cidade de Salvador a partir de uma publicação digital que mostra os passos do projeto Vozes da Cidade. Estão ali as etapas do processo, incluindo seminários e cartografias de coletivos de adolescentes participantes.
www.avante.org.br

a arte de adentrar LABIRINTOS infantis

POR ADRIANA FRIEDMANN

Os atuais movimento, consciência e entusiasmo de educadores, cuidadores, gestores e empreendedores para a escuta de crianças tiveram suas origens, de forma sincrônica, tanto nas ciências sociais quanto nos movimentos da sociedade civil, alargando a compreensão da importância de dar vez e voz a todos os cidadãos.

A partir de formulações e pesquisas das ciências sociais, é crescente a ideia de que as crianças, enquanto atores sociais e autores das suas vidas, têm culturas e linguagens próprias e merecem ser ouvidas, pois falam de suas realidades, emoções, necessidades e interesses.

Porém a escuta das várias infâncias – considerando a diversidade de grupos, culturas, realidades e equipamentos ou espaços em que convivem – requerem cuidado, respeito, ética e posturas para os quais todos precisamos estar atentos.

Escutar é uma possibilidade de conhecer as crianças e reconhecer, em cada uma e em cada grupo, seu ser, sua essência, seus saberes, seus jeitos singulares de criar, recriar e ressignificar a vida.

Escutar as vozes das crianças é também uma forma de oferecer e criar oportunidades, tempos e espaços de expressão para que elas "digam", por meio de suas linguagens verbais e não verbais, quem verdadeiramente são. Trata-se de oferecer oportunidades para que as crianças vivam suas infâncias, descubram o mundo à sua volta, experimentem e se confrontem com desafios e estabeleçam vínculos de forma espontânea, livre e autônoma.

É também uma forma de abrir brechas de comunicação com as crianças e entre elas, assim como possibilidades de repensar o que oferecemos a meninos e meninas – atividades, propostas, currículos e programas – no caminho de integrar os conteúdos que trazem a partir de seus repertórios e de suas "falas". O convite é, então, para adentrar os diversos labirintos dos grupos infantis.

INSPIRAÇÕES

De que fontes beber para estes processos?

Escutar crianças poderia se comparar a fazer uma viagem aos universos infantis. Como em qualquer viagem rumo a novos ou poucos conhecidos territórios e culturas, o viajante descobre diversidade de linguagens, costumes, sabores, cheiros, músicas, danças, brincadeiras, histórias e paisagens. Ele se abre para o novo, para o desconhecido, para aprender e conhecer com o outro, o "estrangeiro".

Assim, quando nos aventuramos a escutar e a descobrir as crianças de modo verdadeiro e profundo, novos mundos e repertórios descortinam-se à nossa frente.

As mais importantes ideias que têm orientado a compreensão da relevância dessas vozes infantis vêm das áreas de antropologia da infância, da psicologia e das manifestações artísticas e culturais nas suas diversas formas expressivas.

A antropologia trata da importância de ouvir, observar e pesquisar crianças e grupos infantis, já que possuem linguagens e culturas próprias; conhecer os diversos contextos, sua multiculturalidade e reconhecê-las como atores sociais e autores e protagonistas das suas vidas. A etnografia – forma de pesquisa característica dos antropólogos – nos inspira neste "adentrar" os universos infantis. A *psicologia* aponta possibilidades de escuta, leitura, tradução e compreensão das manifestações, atitudes, comportamentos, da psique e das expressões e produções infantis. Já as *artes e a cultura*, nas suas mais diversas manifestações – pintura, desenho, modelagem, música, dança, movimento, brincadeiras, palavra e outras formas de narrativas –, constituem-se nas linguagens expressivas por excelência das crianças.

OS PERSONAGENS

O que as crianças dizem? Como elas se expressam?

As crianças falam, dizem, sussurram, gritam, expressam. Falam baixinho, falam alto. Sozinhas, entre elas, com os adultos. Podemos apelidar suas expressões de *micro falas*, expressões minúsculas porque com gestos, olhares, piscadelas, sorrisos, choros. E, ao mesmo tempo, ocorrem *grandes narrativas*, expressões orgânicas – com o corpo todo, com a alegria, a dor e a agressividade.

Outra forma interessante de expressão das crianças são as *auto falas*, como as denominou Gilles Deleuze: a criança fala sozinha, para ela mesma, para seus interlocutores invisíveis, seus brinquedos ou objetos. E ali, se escutarmos com atenção, surgem segredos, silêncios que falam alto, códigos muitas vezes indecifráveis para o adulto, cumplicidades de cada criança com seus pares;

revelam-se apegos, afetos, rituais. Nas auto falas as solidões estão acompanhadas, descortinam-se diferentes papéis que a criança imita, almeja ou teme, personagens com os que ela se identifica, situações e emoções com os quais ela precisa lidar.

Algumas vozes – *expressões* – podem servir como bússolas nas nossas incursões: imagens, desenhos, mapas, maquetes, modelagens; poemas, cartas, sonhos, brincadeiras, expressões corporais, expressões musicais; registros feitos pelas próprias crianças – fotos, filmes, narrativas. Atitudes e comportamentos se revelam por meio de gestos, sorrisos, agressividades, introspeção, solidão, ansiedade, agitação. Tanto dizem e revelam essas vozes infantis! São repletas de valores, vivências, sonhos, medos, desejos, conflitos, cotidianos, preferências, potências e dificuldades, ansiedades, incertezas, inseguranças, temperamentos.

A OBRA DE ARTE

Ler, traduzir, compreender as vozes e narrativas infantis

Na escuta das vozes infantis, expressões e mensagens desvelam-se e revelam-se: falas que podem sussurrar nos ouvidos atentos de quem escuta algumas pistas sobre quem são estas crianças, suas multiculturalidades, suas raízes, seus repertórios e seus saberes; arquétipos, histórias e seus significados simbólicos aparecem desvelando suas vidas.

Nas *brincadeiras de roda* – em que todos são iguais e diferentes ao mesmo tempo –, as crianças formam mandalas orgânicas em que o movimento, o ritmo, a palavra e a música guiam o grupo. Nas *brincadeiras de faz de conta*, as crianças vivem possibilidades de experimentar, repetir, ritualizar, assimilar situações, perdas, dores, conquistas; viver diversos papéis, situações e personagens – fora e dentro. Cuidar, ganhar, perder, nascer, viver, morrer, virar vítima ou herói. Vida!

Outras formas expressivas que podem ser “escutadas” porque expressas de forma espontânea pelas crianças aparecem em *brincadeiras* como cinco pedrinhas, bolinhas de gude, corda, pega-pega, esconde-esconde, empinar pipas e tantas outras. Nas brincadeiras, revelam-se as

conexões das crianças com a terra (concretude), com o céu (espiritualidade), com a água (inconsciente) e com o ar (fantasia e imaginação). As crianças são e mostram-se naturalmente religiosas por estarem "religadas", reconectadas consigo próprias e com uma sacralidade profunda.

Ao *desenhar* as crianças representam a vida por meio de uma diversidade de imagens: sol, lua, casa, árvore, flores, bichos etc. A utilização das cores, os traços, os tamanhos dos personagens e objetos narram emoções, conflitos, sonhos. Assim, também ao *pintar*, adentra-se num mundo de significados diversos a partir das cores utilizadas, das destrezas, da fluidez dos traços. Nas *modelagens*, a força e a energia colocadas sobre a massinha ou a argila, a temperatura, com o corpo todo, com a emoção toda, têm também um efeito terapêutico e curativo inconsciente.

Quando as crianças criam *construções*, a escolha e utilização de objetos e materiais diversos simbolizam situações, elementos e espaços. Por exemplo, na construção de cidades, as crianças se expressam através de composições externas, imitando e reinterpretando a vida ao seu redor, revelando seus olhares. Ao mesmo tempo, e de forma inconsciente, a sua psique interna se transforma. As crianças poetizam o mundo e produzem *narrativas*, assim como também escrevem e contam das suas vidas com seus corpos. Quantos desafios pela frente para conhecer e compreender as crianças!

O DOM DO ARTISTA

Premissas essenciais para quem está na escuta

Face ao desafio de escutar e observar as crianças, é importante considerar a postura e a atitude de quem está na escuta. Nada como a experiência, a troca e a permanente reflexão sobre esse ofício. Algumas premissas:

- *Respeito* pelos tempos, espaços e ritmos individuais, pelo sagrado dos mundos infantis.
- *Ética* na postura e na atitude: não forçar situações, não intervir, não formular questões que indiretamente sugiram respostas desejadas. E, se a criança não quer se mostrar, participar, compartilhar suas produções, se quer privacidade, já está se manifestando e precisa ser respeitada.

• *Sensibilidade e cuidado* no encaminhamento do que é percebido e "lido".
• *Consentimento/autorização* por parte das crianças – não somente dos adultos – para qualquer tipo de registro e para o uso das imagens e produções realizadas a partir das vozes infantis.
• *Devolutivas* para as crianças daquilo que foi visto e escutado.

Importante frisar o que não deveríamos fazer quando nos prontificamos a ouvir, observar, conhecer e reconhecer as crianças: não se trata de avaliar nem de julgar, muito menos de intervir ou entrevistar. Então, do que se trata afinal? É o exercício de adentrar, acompanhar, caminhar junto nos universos das crianças, com seus consentimentos. É um convite para transformar nosso ponto de vista ético e metodológico: não tomar como referência unicamente verdades ou teorias adulto-cêntricas, mas incorporar também as realidades das crianças.

AS TINTAS E OS PINCÉIS

Como se preparar para estes percursos

Quem se predispõe a escutar crianças precisa estar muito aberto para acolher o espontâneo, o imprevisível. E para tal não há receitas prontas. Quem se abre para a escuta aprende no processo e com a experiência, errando e acertando, revendo posturas, conectando-se com suas percepções no exercício permanente de reconhecer o que é das crianças e o que é de si próprio, o que o toca, mobiliza e transforma.

Assim, é fundamental ter *abertura e flexibilidade* para essas escutas e acompanhar as crianças nos seus percursos; contar com uma *diversidade de propostas lúdicas* – formas de se comunicar com as crianças a partir das linguagens infantis; adentrar um permanente *processo de autoconhecimento* e conexão com as próprias percepções, emoções e sentimentos; realizar *reflexões e diálogos* compartilhados com outras escutas e outros olhares; determinar ferramentas para a realização dos *registros*: diário de campo, câmera de fotos e/ou vídeo.

OBRAS INCONCLUSAS

Pistas para (des)nortear quem escuta

Quanto mais achar que sabe, que já entendeu, aquele que está na escuta mais deve desconfiar das suas certezas: somos analfabetos com relação à complexidade de quem são as crianças e precisamos nos predispor a aprender com elas. Ao escutar as vozes das crianças, estamos construindo mapas, cartografias das suas vidas.

Importa, então, aproveitar as brechas de tempos, espaços e expressões.

Não há roteiros, fórmulas ou receitas prontas, mas possibilidades de estabelecer diálogos circulares com as crianças, com quem está na escuta e pensa sobre elas. Nossa intuição, nossas percepções devem ser nossa bússola.

THE HAPPY FAMILY, ANDRÉ HENRI DARGELAS. FRENCH (1828-1906)

E para onde caminhamos com essas escutas e a conexão com esses repertórios infantis? Estamos no caminho de repensar, readequar e integrar essas vozes e saberes infantis, assim como essa atitude antropológica de escuta e conhecimentos, em qualquer âmbito onde as crianças vivem e convivem. E considerar que não há verdades acabadas quando do ser humano se trata, sobretudo no que se refere às crianças, que estão em permanente transformação, crescimento e movimento.

Escutar as vozes das crianças é um desafio, um convite para reconhecer os afetos – delas e nossos –, a beleza e a potência dos saberes da humanidade; e a complexidade que somos todos nós. Tudo a partir das crianças – e com elas. ■

ADRIANA FRIEDMANN
Doutora em Antropologia e educadora, pesquisadora e consultora nas temáticas da infância e do brincar. É idealizadora e coordenadora do Mapa da Infância Brasileira (MIB). Criou e coordena o Nepsid – Núcleo de Estudos em Simbolismo, Infância e Desenvolvimento. É palestrante e docente em cursos de pós-graduação e extensão. Autora dos livros *Linguagens e culturas infantis*, *O brincar na educação infantil: observação, adequação e inclusão*, *A arte de brincar*, *O direito de brincar: a brinquedoteca*, entre outros.

HUMARA BACHPAN

HUMARA BACHPAN

Na Índia, onde mais de 65 milhões de pessoas moram em favelas, a organização Humara Bachpan desenvolveu uma metodologia simples para que crianças e adolescentes apontem soluções para a melhoria da qualidade de vida em aglomerados urbanos e precários. O método batizado de CLP (Children Led Planning) possui apenas dez passos para que meninos e meninas analisem a situação do bairro, identifiquem os problemas e criem soluções.

Para desenvolver o projeto, essa organização indiana convida 45 pessoas com idades entre 6 a 18 anos para conhecerem melhor o bairro onde vivem. Tudo começa com dados oficiais do local e de diálogos estabelecidos com os moradores, que contam a origem e a história da comunidade. A partir de passeios pelo local, todos os participantes elaboram mapas afetivos que traçam rotas de mobilidade e outras relações no bairro.

Por meio de análises que envolvem o cotidiano, o modo de vida e a sustentabilidade local, o grupo elenca e prioriza os problemas, assim como os recursos existentes. A partir daí, eles desenham duas árvores. Uma para os problemas e outra para as soluções. Por último, eles criam o mapa dos sonhos, que é apresentado ao setor público, visando melhorias.

Durante as etapas, as crianças são apoiadas por outros membros da comunidade, como famílias e grupos de jovens. Elas também consultam especialistas, como arquitetos e educadores da primeira infância, que fornecem contribuições para que se estabeleça o planejamento técnico.

Nesse processo, as crianças tomam conhecimento de como é o seu bairro. Questões como tamanho, população, transporte, iluminação, saneamento básico, instalações adequadas para a dimensão das crianças e áreas públicas que podem virar espaços de brincadeiras ganham evidência no mapa e se transformam num guia ideal para melhoria da qualidade de vida local.

Nossa infância
A Humara Bachpan, que significa "nossa infância", já implementou, desde 2012, sua metodologia de escuta da infância em 23 cidades para promover a melhoria dos espaços urbanos para mais de 35 mil crianças, moradoras de 189 favelas da Índia. Dá para saber mais no site do projeto. www.humarabachpan.org

NDIPHILILE: EU ESTOU VIVA!

É com um olhar silencioso que a educadora Sandra Eckschmidt adentra o universo do brincar numa escola de educação infantil da periferia de Cidade do Cabo, na África do Sul, onde morou por seis meses. O resultado desse afetuoso encontro com a infância africana foi o "relato biográfico-antropológico", tecido com extrema sensibilidade em palavras e imagens, no livro *Ndiphilile: eu estou viva!*.

A autora, coordenadora da escola de educação infantil Casa Amarela, em Florianópolis, há anos dedicada à pedagogia Waldorf, abre seu diário de campo, com suas percepções, impressões e reflexões sobre vivências, jeitos de olhar, postura em campo, diálogo com as crianças, entre outros registros que recheiam a paisagem infantil de sonoridades, cheiros e cores. Ela ressignifica a verdadeira entrega ao sabor da experiência a partir de uma ferramenta, a caderneta de notas, imprescindível ao pesquisador.

Na tessitura de um diário de afetos, em que o leitor acompanha o percurso da pesquisa e da pesquisadora, ela generosamente conta que a dificuldade de comunicação num ambiente cuja língua predominante é o isixhosa, cheia de "estalos", resultou numa postura de quietude. Foi então que a educadora compreendeu ser urgente sair do "papel de falar, de perguntar, de querer entender, de opinar".

A impossibilidade de uma comunicação verbal mais profunda encaminhou a pesquisadora à observação de uma narrativa de gestos. "Assim, a cada dia que passava, fui ficando mais e mais silenciosa. Quanto mais silenciosa eu ficava, mais atentos meus olhos, ouvidos, tato e olfato ficavam a tudo que acontecia. Não havia um gesto que passasse despercebido por mim. Dos mais singelos e delicados, aos mais fortes e bruscos", relata Sandra em seu livro.

Essa observação cheia de sentidos em alerta, conectados com o brincar livre no contexto escolar, trouxe a constatação de que é fundamental ter extremo cuidado ao trilhar os labirintos infantis e evitar conclusões precipitadas no percurso. "Pensamos estar atentos, observando, mas estamos antecipando a ação e, assim, deixando de ver", enfatiza a educadora.

ILUSTRAÇÃO CLAIRE HOMEWOOD

"Eu estou viva!"
No site do livro, é possível conhecer mais sobre a experiência da educadora Sandra Eckschmidt na Escola Zenzeleni, na África do Sul. Há fotos, além de depoimentos e relatos, como o que explica a origem da palavra "ndiphilile", que, em isixhosa, significa mais do que "tudo bem!". Quer dizer: "eu estou viva!". www.livrosandraeckschmidt.com

POÉTICA DA INFÂNCIA

A criança não pensa nem melhor nem pior que o adulto; ela pensa de modo diferente. A nossa maneira de pensar é feita de imagens um pouco apagadas e de sentimentos empoeirados. A criança pensa com seus sentimentos, não com sua inteligência. Isso dificulta a nossa comunicação com ela e não há, provavelmente, arte mais difícil que a de falar com as crianças...

JANUSZ KORCZAK[1]

POR SEVERINO ANTÔNIO E KATIA TAVARES

De modo constelar, este texto traz sugestões para quem cuida de crianças. As sugestões, interligadas e interdependentes, conversam umas com as outras. Cada uma, de certo modo, contém as demais e está contida nelas, a partir de uma ideia matriz: a de que existe uma poética *natural* da infância, que precisa ser reconhecida, preservada e cultivada.

1. KORCZAK, Janusz. *Como Amar uma criança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p. 304.

Uma educação poética das crianças, não apenas no sentido estrito de ler ou fazer poemas, mas fundamentalmente no sentido de pensar, sentir e expressar-se poeticamente. Viver poeticamente, como protagonista de sua infância, sendo criança, com sua descoberta do mundo e da linguagem, junto dos sentidos nascentes, com suas iluminações de afeto, de animismo, de empatia, com suas perguntas filosóficas e imagens poéticas, a recriar, a vida a recomeçar a história.

Um texto-tessitura, que se entretece com outras vozes, com variações em torno do tema da educação poética da sensibilidade e da inteligência das crianças, a partir de duas necessidades vitais: a escuta e o diálogo.

Junto com a tese da poesia da infância, a concepção educativa que atravessa a tessitura de sugestões é a de que educar é formação humana, humanização. Formação que se desenvolve na convivência com outros sujeitos. Assim, a mais significativa dimensão dessa experiência educativa é o encontro humano, a interação humana, a convivência de ensinar e aprender, que é também criação e recriação de sentido.

A criança é sujeito humano em formação: precisa ser assim reconhecida e reconhecer-se, na convivência com os adultos e com as outras crianças. Sujeito entre sujeitos, o que pressupõe escuta e diálogo.

A etimologia, ao trazer sentidos primeiros das palavras, muitas vezes traz sabedorias esquecidas. Educar traz o sentido de cuidar, nutrir, cultivar, vindos do *educare*, assim como traz a ideia matriz de conduzir, vinda do *educere*, em duas acepções complementares: conduzir no sentido de trazer de dentro para fora, extrair, desenvolver potencialidades humanas, e também conduzir a criança na vida, na sociedade, na cultura.

É significativo recordar que ensinar vem de *ensignar*, trazer sinais, assinalar a vida da criança. Por outro lado, complementarmente, aprender deriva de apreender, incorporar – o que realmente aprendemos faz parte de nós, não nos será arrancado, não será esquecido. A etimologia também revela contradições, limites, desfigurações: infante é o que não tem voz, o que não pode ou não deve falar. Contrariamente a esse sentido, a infância tem voz, precisa falar e ser ouvida.

ANIMISMO EMPATIA

Para a criança pequena, tudo tem vida, tem voz, tem alma. Essa é uma das marcas constituintes do seu pensamento mitopoético, em que tudo fala, assim como se transforma em tudo. Uma varinha se transforma em um cavalo, uma ponte, um pássaro – e a criança conversa com todos eles. Essa atividade se desenvolve no brincar de fazer de conta que, juntamente com o fazer de novo, constitui duas matrizes universais da brincadeira infantil.

É imprescindível acolher esse pensamento animista da criança. Participar dele. Dois processos vitais do desenvolvimento humano estão presentes nessa atividade de personificação: a mimese e a empatia. Mimese é imitação criadora: a criança apreende o mundo imitando os seres de sua convivência. Ela imita os pais, os familiares e outros adultos, imita outras crianças, os professores, os bichos, as plantas.

O processo de animismo é fundamental para o pensamento simbólico, para as representações simbólicas com que a criança pensa, sente e expressa a imagem do mundo, que vai elaborando, juntamente com a elaboração da imagem de si mesma e dos outros. Reconhecer o pensamento mágico animista da criança é fundamental para fazer a escuta dessa criança, dialogar com ela, e assim educá-la de modo vivo, sensível e criador.

Outro processo vital do desenvolvimento humano é a empatia – o colocar-se no lugar do outro, sentir o que o outro sente, viver imaginariamente o que o outro vive. A criança é radicalmente empática. Ela alarga as margens de sua existência ao imaginar-se como o outro. Isso educa profundamente sua sensibilidade e sua inteligência.

Além dessa dimensão humanizadora, a empatia também assinala outra necessidade vital na educação das crianças: o reconhecimento de que a experiência afetiva é tão importante quanto a experiência cognitiva. O sentimento é tão importante quanto o raciocínio. Não deveríamos dissociar o sensitivo e o intelectivo, fazer abismos entre o sentir e o pensar. A criança sente e pensa inseparavelmente.

Historicamente, no mundo moderno, foi feita a separação cada vez mais drástica entre o sensível e o racional. Para nós, trata-se agora de religar sensibilidade e inteligência. Essa é uma necessidade vital do nosso tempo, e ainda mais na educação das crianças.

O conceito, elaborado por generalização e abstração, não é a etapa final do conhecimento. O conhecimento é vivo, retorna sempre às coisas. O conceito de cachorro jamais substituirá os cachorros, a nossa convivência com eles. Não temos amor pela ideia de cachorro, não é ela que nos recebe em casa, não é com ela que brincamos, não é dela que sentimos saudades.

É preciso relembrar com Goethe e outros pensadores que as teorias e conceitos historicamente envelhecem, acinzentam-se e morrem, mas a árvore da vida sempre reverdece.

A criança pensa por imagens, por comparações, por metáforas. Descobre e estabelece semelhanças entre as coisas, desde os fenômenos da natureza às experiências da convivência com as outras crianças e os adultos. Essa é outra dimensão do pensamento mitopoético da infância: o mundo é constituído de semelhanças, analogias, correspondências. *Isso é como aquilo. Isso é aquilo*.

PENSAR POR IMAGENS

Ao elaborar sua imagem do mundo, a criança desenvolve metáforas que estão na raiz da criação poética e artística, assim como na raiz dos mitos e dos sonhos simbólicos. É significativo recolher essas imagens em um caderno de notas, um diário de travessias, preservar esses tesouros, guardá-los inclusive para a própria criança... Eles serão significativos na constituição de sua história, de sua identidade.

O pensar por imagens é modo fundamental de interpretar e dizer o mundo. Assim, muitas vezes a criança é reconhecida como um pequeno artista. De modo semelhante, ela pode ser considerada um pequeno filósofo, porque faz as perguntas que estão na origem da filosofia e das ciências.

Sem reconhecermos que a criança pensa por imagens, por sentimentos, de modo empático e animista, como educar a sua inteligência, a sua sensibilidade, a sua percepção do mundo, a sua imaginação?

PERGUNTAS

A criança indaga o mundo. Questiona a vida, interroga a linguagem. Suas perguntas trazem questões fundamentais da origem da filosofia e do espírito científico: como nasceu o universo, o que é a vida e a morte, de onde vêm os nomes, como conhecer Deus, por que existem homem e mulher...

Precisamos cultivar a curiosidade, a admiração, o espanto da criança em relação ao mundo, aos outros e a si mesma. É imprescindível acolher as indagações infantis. Conversar sobre elas. Dialogar sobre suas respostas, sobre suas hipóteses. Responder o que é possível, na medida do entendimento das crianças, mas sem matar as novas indagações, que são fundamentais para a elaboração da imagem do mundo, para a descoberta e a atribuição de sentido.

Mais uma vez reiteramos a necessidade de educar a inteligência e a sensibilidade das crianças, sem dissociar essas duas dimensões vitais. A educação do intelectivo e do sensitivo precisa de curiosidade e questionamentos. Sem desejo de saber, não há autoria – de ideias, de palavras, de conhecimento, de ação.

Perguntas nos convidam a pensar, a sentir, a viver. Sem elas, não há filosofia, não há artes, não há literatura, assim como a vida cotidiana fica desfigurada. Sem as indagações que nos movem, a existência queda muito aquém do que poderia e deveria ser, principalmente na educação das crianças.

HISTÓRIAS

Outra dimensão essencial da educação da infância é contar e recontar histórias, desde a gestação. Mais tarde, ler para a criança. Em seguida, ler com ela. Esses rituais assinalam a existência inteira. Somos feitos de variadas substâncias. Dentre elas, de modo singular, somos feitos de histórias, assim como somos feitos da mesma matéria de nossos sonhos, como escreveu Shakespeare.

As histórias trazem as perguntas, o pensar por imagens, a empatia, o animismo. Trazem o que foi e o que poderia ter sido, assim como o que pode vir a ser. Com as histórias, as crianças desenvolvem a capacidade de pensar outros mundos possíveis, o que significa aprender a elaborar a existência.

Assim, precisamos trazer as histórias clássicas, as que têm formado a humanidade. Precisamos, igualmente, trazer as nossas histórias mais queridas, as que nos formaram singularmente. E também trazer as histórias vividas na nossa própria infância: como brincávamos, quem eram os nossos companheiros, quais eram nossos sonhos...

Uma das experiências mais humanizadoras é esse ouvir e contar histórias, inseparável do brincar de fazer de conta e do fazer de novo, essas matrizes universais da infância.

NATUREZA

Outra questão fundamental para a educação da infância é o contato com a natureza. As crianças pequenas, inclusive, sentem-se parte da natureza. Aos poucos é que se vão diferenciando e desenvolvendo a percepção da sua identidade diferenciada. As crianças têm necessidade desse contato com a natureza. Tocar a terra, pisar em chão que não seja cimentado, conhecer árvores e plantas, conviver com bichos... Admirar-se com a vida inumerável, reconhecer-se como parte dessa vida da Terra.

Em nossa sociedade cada vez mais urbana, crianças têm sido afastadas do contato com a natureza. Não brincam ao ar livre. Estão cotidianamente confinadas a ambientes artificiais, entregues às telas trêmulas de celulares, tablets, televisores, de que se tornam cada vez mais dependentes.

Estamos desfigurando a infância. Depois de séculos de pedagogia moderna, temos novamente reduzido a criança a um adulto em miniatura, desta vez a um consumidor adulto. Esse é um dos grandes paradoxos do nosso tempo de paradoxos. De um lado, ampliamos muito nossa compreensão da infância, reconhecemos a criança como sujeito humano, reconhecemos os seus direitos universais, proclamamos sua prioridade. De outro lado, persistem crueldades, violências e explorações seculares, acrescidas de novas formas de desumanização.

Não se trata, evidentemente, de negar a urbanização nem a revolução científica e tecnológica. Trata-se de aprender a lidar com essa realidade, trata-se de humanizar a história, singularmente a da infância.

Brincar livremente, junto com outras crianças, em relação com a natureza, é uma experiência de aprendizagem e de felicidade insubstituíveis. Alimenta o sentimento da criança de estar viva, descobrindo e elaborando a vida.

O contato com a natureza é primordial para a infância, que tem uma capacidade espontânea de admiração, fonte de suas imagens poéticas e suas indagações filosóficas. As crianças se encantam com as cores do céu, as bolas de sabão, as pedras, as folhas, o olho de um inseto, as penas de uma ave, assim como com o vento, a água, os voos, as brincadeiras dos filhotes. Maravilham-se com a descoberta de muitos mundos dentro do mundo, de beleza extraordinária. Reconhecer e valorizar esse encantamento traz também um sentido ético, de reverência pela vida, em que estética e ética se conjugam inseparavelmente.

A capacidade de admiração, de espanto, de maravilhamento, espontânea na infância, pode ser reaprendida por nós, adultos, especialmente em nossa convivência com a sensibilidade e a imaginação das crianças, avivadas na relação direta com a natureza. Desse modo, experimentamos instantes de reencantamento do mundo, em que reencontramos a sabedoria de Heráclito: a morada do ser humano é o extraordinário.

POESIA

CONSIDERAÇÕES DE PASSAGEM

Existe uma poesia singular da infância. A criança vê o mundo com olhos de primeira vez e nos chama a ver com olhos novos, com olhos livres. A criança revive a origem da linguagem: dar nomes, descobrir e atribuir significação, circular os signos como forma de vida. A criança está próxima dos sentidos nascentes. Como na criação poética, sentimentos, ideias, imagens e ritmos não estão dissociados.

É preciso preservar essa poesia da infância, acolhê-la, cultivá-la. Além da escuta e do diálogo, além do reconhecer e valorizar a descoberta do mundo e da linguagem, que a criança faz cotidianamente, outra sugestão: propiciar a convivência com poemas, assim como com músicas, pinturas, desenhos, esculturas. Assim, haverá ressonâncias e correspondências que ajudarão a educar a sensibilidade e a inteligência.

Também é necessário cultivar um campo de ressonâncias poéticas com aqueles que cuidam das crianças, nas escolas, assim como nas casas e nas comunidades. Em dias vertiginosos e dilacerados como os do nosso tempo, com perda de sentido em todos os campos, a poesia se revela ainda mais essencial, também na vida adulta.

Os encontros sobre a educação das crianças precisam eles mesmos serem formativos, para ajudar a desenvolver a educação da sensibilidade e da inteligência dos que cuidam da infância, dentro e fora das escolas.

As crianças recomeçam a humanidade. E nos chamam a recomeçar: com seu animismo, sua empatia, o seu pensar por imagens, suas perguntas, suas histórias, sua relação com a natureza e com a poesia. A convivência com as crianças também nos educa, também nos humaniza. Ela ajuda a nos libertar da insignificância, da indiferença, da crueldade. Desperta o desejo de respirarmos livremente. Uma pedagogia poética para as crianças pode contribuir de modo fecundo na consideração da criança como *prioridade absoluta*, atitude que tem potência de mudar a vida e transformar o mundo. ■

SEVERINO ANTÔNIO
Mestre e Doutor em Educação pela Unicamp. Há quarenta anos se dedica ao ensino de Redação e Leitura, Filosofia, Literatura, assim como à formação de educadores. É membro do Conselho Consultivo do Instituto Alana. É autor dos livros *Utopia da Palavra – Educação, linguagem, poesia* (Adonis, 2015) e *Constelações, uma escuta poética da infância* (Adônis, 2014), entre outros.

KATIA TAVARES
Mestre em Educação pela PUC-Campinas, professora, psicopedagoga, aconselhadora biográfica, com formação em Pedagogia Waldorf. Especialista em desenvolvimento cognitivo e avaliação da aprendizagem - Reuven Feuerstein. Ministra palestras sobre educação. Autora de *Uma pedagogia poética para as crianças* (Adonis, 2013), com Severino Antônio.

PEQUEÑOS GRANDES MUNDOS

FOTOS SOFIA NICOLINI LLOSA/PEQUEÑOS GRANDES MUNDOS

Já havia algum tempo que o ilustrador argentino Iván Kerner, o Ivanke, vivia inquieto com sua vontade de fazer algo significativo na vida. Num dia, enquanto esperava o ônibus, foi invadido por uma chama luminosa que refletia as palavras "volta ao mundo com oficinas gratuitas para crianças". Isso ocorreu em 2013 e, de lá pra cá, Ivanke e o projeto Pequeños Grandes Mundos já visitou 32 países para desenvolver oficinas de desenhos com mais de 2.500 crianças pela África, Ásia, Américas e Europa.

Nas experiências feitas em parceria com a professora e ilustradora Mey Clerici, Ivanke leva na bagagem pincéis, tintas e uma grande vontade de transformar a realidade das crianças, sempre respeitando suas culturas e suas formas de ver o mundo.

Ele convida meninos e meninas para desenharem um mural de sonhos e também sugere que cada criança crie um super-herói com características locais. No norte da Colômbia, onde a seca devasta as colheitas, um garoto criou um herói que abre o céu para trazer chuva para seu povo. Na Amazônia equatoriana, o ilustrador se emocionou ao ver a reação de crianças indígenas que desconheciam tinta assistirem à mágica de pigmentos azuis e amarelos formarem o verde.

Ivanke também cria conexões entre as crianças que conhece. As crianças de Tóquio puderam conhecer os desenhos e os anseios das crianças da Argentina, por exemplo. Para ele, a arte é formativa. E as crianças, mesmo expostas a riscos sociais, quando estão pintando seus sonhos, são felizes. Em suas oficinas pelo mundo, costuma afirmar que as crianças precisam de confiança e oportunidade. E finaliza dizendo que nós, adultos, precisamos aprender com elas!

Volta ao mundo

No site do projeto, é possível navegar pelo mundo a partir dos desenhos de crianças de diferentes continentes, ler relatos de encontros inusitados e também ver fotos que revelam um pouco da vida de meninos e meninas de muitos cantos. É um diário de bordo cheio de curiosidades e dicas inspiradoras.
www.pequeniosgrandesmundos.org

COLEÇÃO DAS CRIANÇAS DAQUI

A arquiteta, designer gráfico e escritora Roberta Asse já observava uma infância livre e autônoma em suas viagens de turismo pelo interior do Brasil. Mas foi no Vale do Matutu, em Minas Gerais, onde colheu pinhão tantas vezes com a família para as fogueiras de São João, que ela notou semelhanças entre as infâncias.

Interessada pelo assunto e em busca de histórias que inspirassem seus futuros trabalhos literários, a pesquisadora buscou entender mais sobre universalidades e particularidades da infância, o que foi importante para que pensasse um método para ouvir as crianças – ou os "brasileirinhos", como costuma dizer.

Nas andanças de Norte a Sul e de Leste a Oeste, enquanto o marido, Walter, se incumbia das fotografias, as filhas Clara e Helena teciam voluntariamente conexões com outras crianças por meio de brincadeiras. Já Roberta, apaixonada pelos sotaques e regionalismos, gravou áudios para reproduzir em livros a cultura dos saberes infantis ou, como ela própria diz, "histórias de pertencimento das crianças na formação de uma cultura".

Em sua escuta diversa, Roberta conta que lançava, com poucas palavras, temas que impulsionavam diálogos entre as crianças. Assuntos como brinquedos e brincadeiras, escola e trabalho, além de cultura e geografia locais, renderam longas histórias. Para a escritora, a criança fala quando percebe que alguém ouve ou se interessa pelo assunto.

E ela não só ouviu como também aprendeu com as crianças como se colhe o campim dourado no Jalapão, no Tocantins, ou uvas no Vale dos Vinhedos, no Rio Grande do Sul. Nas ilhas fluviais de Abaetuba, no Pará, caçou ouriço com os meninos. E no Pantanal, enquanto fazia panelinhas com as meninas, ouviu histórias recheadas de imaginação na beira de um rio. Com tantas colheitas, Roberta tornou-se uma verdadeira "criadeira de histórias".

ROBERTA ASSE/COLEÇÃO DAS CRIANÇAS DAQUI

De todos os cantos
Roberta Asse transformou sua escuta atenta na Coleção das Crianças Daqui, que reúne oito títulos. Numa delicada tessitura entre texto e imagem, conhecemos as peripécias de Pedro Pio, um ribeirinho, ou de Isabel, que habita as areias douradas do Jalapão, entre outras narrativas cheias de sotaque.
www.criadeira.com.br

Tessitura de vínculos em campo

FOTOS RENATA MEIRELLES/TERRITÓRIO DO BRINCAR

POR DAVID REEKS E RENATA MEIRELLES

Conhecer o que brilha em cada ser sempre criou um fascínio em nós. E quando se trata de criança então, pode-se dizer que é um vício sem volta. Foi de maneira absolutamente apaixonada pelas expressões infantis que nos juntamos e, em 2001, iniciamos nossos registros de brincadeiras pelo Brasil.

Partimos guiados pelo desejo de encontros: com o outro e com uma diversidade humana, que nos foi velada pelas nossas educações tão engessadas. O desejo era sentir na pele as tantas infâncias brasileiras e, posteriormente, difundir o vasto repertório de brincadeiras infantis encontradas. Para isso, o registro de imagens mostrou-se inevitável.

Abrimos espaço para os gestos espontâneos da infância

Inicialmente a sensação era de estar saindo para ver o "lá fora". Hoje, depois de longas jornadas, percebemos o quanto estamos cuidadosamente abrindo uma fresta da janela para olhar para dentro da infância e, consequentemente, do ser humano. A perspectiva entre o fora e o dentro foi se invertendo e o conceito de cultura e diversidade ganhando um novo panorama. Como diz Jung: *"Não saias, é no interior do homem que habita a verdade"*.

Era impossível prever a magnitude do brincar que esses encontros, conjugados com pesquisas e estudos, foram nos revelando. O que antes caberia em uma lista de atividades com seus vários sotaques e coloridos hoje amplia-se para discussões sobre arquétipos, memória coletiva, imaginário e sagrado. O repertório de brinquedos e brincadeiras deixou de ser o nosso único foco e abrimos espaço para os gestos espontâneos da infância que, percebemos, nos apresentam a nós mesmos.

As brincadeiras se estabeleceram como uma porta para a gênese de fenômenos humanos que se apresentam em saltos ritmados, esmero em construções, vigor em ações guerreiras etc.

Entendemos que legitimar a voz da criança não implica necessariamente apenas em palavras, oralidade e escuta do que elas nos dizem. Isso também é parte do processo, mas conseguimos ver uma imensa quantidade de verdade em uma mão, um dedo, um olhar, uma postura, pois os gestos infantis expressam uma intenção verdadeira, não são jogados ao léu. Perceber, captar e apresentar essa espontaneidade tem sido o nosso desafio primordial e essencial. Mas como estar lado a lado da espontaneidade do outro, com uma câmera na mão, sem quebrar esse espaço livre e autônomo?

O nosso primeiro contato com as crianças se estabelece pela exibição de imagens que registramos anteriormente. Essas imagens se tornam mensageiras dos nossos olhares e ações e geram uma espécie de eco do brincar repercutido em cantos distantes. Durante as exibições percebe-se uma imediata cumplicidade entre crianças que nunca se viram e, assim, sem dizer ou explicar muito, fica evidente nosso convite para o brincar e o teor dos nossos encontros.

Os gestos infantis expressam uma intenção verdadeira

A partir desse primeiro contato, o vínculo começa a ser criado em momentos livres de banhos de rio, compartilhando pequenos truques e mágicas, contando causos, histórias e piadas, brincando do que aprendemos em outras regiões. Sem câmera nas mãos, mas de corpo e alma presentes. Passo a passo abre-se uma confiança mútua de que "falamos a mesma língua"; de que queremos compartilhar e trocar o que temos de melhor, de mais vivo e real de nossas experiências. Tanto eles como nós.

Estabelecemos um componente afetivo entre nós que favorece a liberdade de expressão e que vai, aos poucos, deixando evidente o que cada um é. Isso é o que chamamos de dar voz às crianças, é deixá-las serem quem são. Procuramos deixar claro quem somos como pessoas, muito antes de sermos pesquisadores, educadores, fotógrafos ou cinegrafistas.

Uma vez estabelecida essa cumplicidade e amizade e, ao perceberem o nosso verdadeiro interesse pelo que estão vivendo, aquelas crianças, que se sentem impulsionadas a nos apresentar seus saberes e fazeres, o fazem voluntariamente. Lembrando que estamos lá para registrar algo que vem de dentro de cada um e, assim, mesmo os mais tímidos conseguem ficar confortáveis no seu *fazer brincante*.

A câmera entra sem cerimônia, sem se esconder ou pretender que não existe. Ela vem junto, como um objeto a mais no brincar. Se eles usam martelo para construir seu brinquedo, nós usamos câmeras para construir nossa lin-

Dar voz as crianças é deixá-las serem quem são

DAVID REEKS E RENATA MEIRELLES
Coordenadores do Projeto Território do Brincar, uma correalização com o Instituto Alana. Entre abril de 2012 e dezembro de 2013, eles visitaram comunidades rurais, indígenas, quilombolas, grandes metrópoles, sertão e litoral para revelar o país através dos olhos das crianças. Entre outras realizações, dirigiram o filme Território do Brincar.

guagem do brincar. Mas a câmera não é insistente, não se impõe como protagonista, não invade o momento. Ela entra e sai com liberdade, busca ângulos que não perturbe o fazer, o ser, o estar. O fundamental é reconhecer o estado de espontaneidade nas ações das crianças, para além das atividades ou informações.

O encantamento pelo que está sendo registrado fica evidente e é percebido pelas crianças, e elas retribuem com notório prazer pela valorização que damos às suas ações. O que vemos é tão importante quanto aquilo que sentimos, por aquilo que estamos vendo. Elas gostando de mostrar o que sabem de melhor e nós maravilhados por cada detalhe. Um verdadeiro intercâmbio de sentimentos que alimentam ambas as partes. ■

PROJETO ENCONTROS

O plano era ser professora em um campo de refugiados em Moçambique, mas a portuguesa Margarida Botelho se encantou por outras formas de comunicação com o mundo. Com cerca de 5 mil refugiados de várias partes da África, era impossível compreender todas as línguas e dialetos.

Ela, então, descobriu um método que partiu da entrega de livros em branco e lápis de cor às crianças para que elas contassem suas histórias em diários visuais. Com a ajuda do fotógrafo Luca Locatelli, a arte-educadora registrou a mémoria, a família, a escola e o brincar desses refugiados.

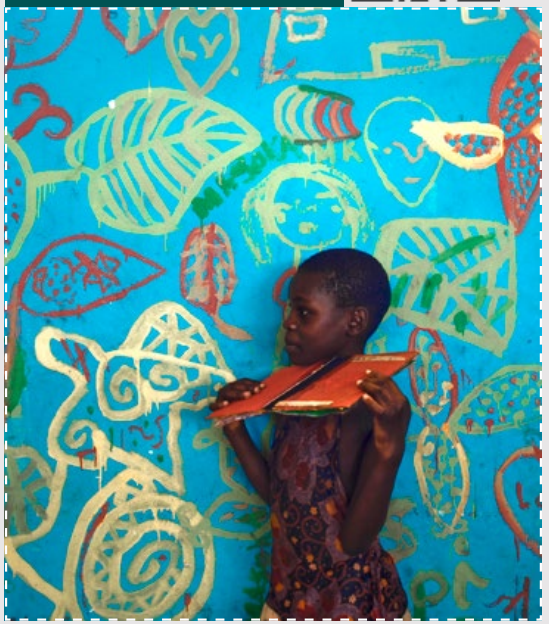
Margarida revela em sua biografia que as histórias nascem de cada respiração que acontece no mundo. E por isso tem pressa para ouvir esses impulsos. Depois de Moçambique, ela promoveu encontros no Brasil, em Goa e em Timor Leste. Ela conta que faz isso com as mãos no coração porque muitas vezes são as palavras que se transformam em imagens – e vice-versa.

Mais do que construir diários visuais, ela estabelece trocas com a comunidade participando da rotina dos lugares por onde passa. Na Amazônia brasileira, por exemplo, Margarida aprendeu a pescar o pirarucu, a colher o açaí e a fazer tapiocas.

Os resultados dessas experiências são, além de diários feitos pelas crianças, histórias que misturam ficção e colagem de fotos compilados em livros com formatos panorâmicos e que são pequenos documentários da infância.

Conexão entre mundos

Em livros como *Eva – Eva*, *Yara – Iara* e *Lya – Lia*, os dois primeiros publicados no Brasil pela editora Paulinas, a autora relata, em cada um deles, o encontro entre duas culturas que, por comparação e reflexão, passam a ter mais pontos em comum do que se imagina. www.margaridabotelho.com



FOTOS LUCA LOCATELLI/PROJETO ENCONTROS

EMEI DONA LEOPOLDINA

Na Escola Municipal de Educação Infantil Dona Leopoldina, as crianças reinam quase que absolutas em decisões pra lá de importantes. Uma sonequinha depois do almoço, por exemplo, foi abolida porque as crianças elegeram o brincar como descanso. Os pais olharam torto no início, mas depois acabaram concordando.

Outras mudanças ocorreram. Subir em árvores, por exemplo, não podia. As crianças só conquistaram esse direito com a troca da diretoria. Marcia Covelo chegou na Emei em 2012 e trouxe em sua bagagem um novo olhar sobre a educação para a primeira infância. Por meio de escutas e participação, passou a promover uma gestão compartilhada, que envolve crianças, pais e educadores.

Para Simone Cavalcante, assistente de direção, a escola deixou de pensar apenas sob o ponto de vista do adulto. “É importante dar abertura para as crianças porque elas apresentam soluções surpreendentes para os problemas da escola”, conta a educadora.

Nessa comunidade escolar democrática, cerca de 240 alunos, com idades entre 4 e 6 anos, exercitam sua cidadania a partir de assembleias. Como é muita gente para decidir, foi criado um Conselho de Crianças, que inclui 16 integrantes. Para cada sala de aula, dois alunos, uma menina e um menino, são eleitos para representarem os demais. A dupla faz a mediação com os colegas para que suas opiniões sejam debatidas em reuniões quinzenais da escola.

Por meio de músicas, desenhos e pinturas, cada criança experimenta sua autonomia em decisões que envolvem conflitos, necessidades, limpeza e até mesmo a questão sobre a distribuição orçamentária. O sucesso foi tão grande que a escola virou referência, o modelo Dona Leopoldina.

Na rede
É possível conhecer uma pouco mais da experiência da Emei Dona Leopoldina na página da escola no FaceBook. Lá há vídeos, fotos e textos que compartilham experiências do dia a dia com as crianças.
www.facebook.com/emeidonaleopoldina

EMEI DONA LEOPOLDINA

narrativas do olhar
(notas de um diário)

POR GABRIELA ROMEU

Foi ouvindo histórias quando menina que adentrei o universo das infâncias, outras. As narrativas tecidas nas vozes de minha mãe e minhas tias me levaram a relatos afetuosos de suas peripécias infantis, as histórias que rondavam seu imaginário, as brincadeiras de pés descalços, os brinquedos costurados com restos do quintal, as encantarias para fazer e deixar crescer. Ouvir me levava a (vi)*ver* aquela infância. Foi então que fiz minha primeira incursão etnográfica pelas infâncias.

Meus olhos de leitora também tatearam outras infâncias. Incursionei pelos jeitos de ser menino e menina também pelas narrativas literárias, que sempre abrem portais de vastos mundos. Na prosa poética (e etnográfica) de Bartolomeu Campos de

FOTOS SAMUEL MACEDO/INFÂNCIAS

Queirós, descobri um atalho para a infância de um sertão onde meninos crescem silenciosos. O escritor mineiro, ao resgatar em sua obra suas memórias de criança, conta um pouco do viver a infância num certo tempo, num dado território.

um certo Miguilim

Vez ou outra volto a reler – ou (re)*ver* – *Indez*[1], em que o autor conta de forma poética como vinga o menino Antônio, nascido frágil, "fora do calendário", cuidado no protocolo de uma puericultura sertaneja, rica mitologia do crescimento. Antônio bebeu água do sino da igreja em dia de chuva para aprender a falar, uma "água do céu, sonora"; engoliu piaba para enfrentar as correntezas no nado; tinha como brinquedos os frutos caídos no chão e as mágicas da natureza; o lugar onde se enterrava o umbigo definia o destino da criança (se no curral, boiadeiro).

Um olho de vidro do avô materno era a relíquia escondida desse menino que "crescia manso". Aquele olho nunca dormia, espiava tudo – até os medos que vazavam das brechas da casa de adobe à noite. "Antônio imaginava o avô no céu, olhando Deus com um olho só. O outro não dormia nem mesmo na bolsa da mãe". A poética do olhar permeia a obra de Bartolomeu como a metáfora da descoberta de si e do outro – exercício fundamental de quem se dispõe a dialogar com as infâncias, a enxergar mais do que a "casca das coisas", assim como bem fazem as crianças.

Antônio é "um certo Miguilim", menino nascido no Mutum, também lá das bandas das Gerais, criado na prosa lírica de um tal João Guimarães Rosa, escritor das veredas de um sertão grande. Há tempos sinônimo de criança, Miguilim simboliza a potência infantil em enxergar o avesso das coisas. Para adentrar o universo das infâncias, é sim essencial ter os olhos de Miguilim para escutar longe e espiar além, provocando deslocamentos e desestabilizando certezas. Emprestar das crianças lunetas, lentes e olhos da primeira vez.

1 QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Indez. São Paulo: editora Global, 2004.

Mas como olhar com esse olho da infância? Um outro escritor, Graciliano Ramos[2], nos indica outra trilha por meio dos causos narrados pelo personagem Alexandre. Resumindo bem, a história é assim: certa feita, Alexandre teve um entrevero com uma onça e perdeu um olho; procura que procura, ele encontrou o olho perdido, colocou-o de volta ao lugar, mas, para sua surpresa, acabou virado pra dentro e ali tudo espiava!

Então, descobri que esse olho virado pra dentro espia meu tempo de menina e todo o núcleo de infância que eu carrego persistentemente na bagagem do tempo. O outro olho espia a infância outra, os meninos e meninas que encontro pelos quintais Brasil afora. E assim, com um olho virado pra dentro e outro virado pra fora, surge um diálogo (ou uma troca olhares) entre infâncias.

abridor de amanhecer

Das incursões por infâncias que habitam memórias, já há quase duas décadas passei a incursionar por infâncias urbanas, ribeirinhas, quilombolas e indígenas, entre outras tantas, na minha prática como jornalista (e depois, como documentarista) dedicada ao registro dos cotidianos infantis em diferentes cantos do país.

Olhar, assim como escutar e dialogar, sempre foram um exercício. Com as crianças, não funcionam roteiros pré-definidos e as técnicas de entrevista não são nada eficazes. É preciso entrar no território da infância em estado de alerta. E também em estado de entrega: disponível ao encontro, num delicado, às vezes frágil, jogo dialógico.

Então emerge uma segunda pergunta: com quais ferramentas adentrar o universo das infâncias? Ao arrumar a bagagem para uma incursão pelas infâncias brasileiras, logo salta a poesia de Manoel de Barros[3]: “Guarda num velho baú seus instrumentos de trabalho: um abridor de amanhecer; um prego que farfalha; um encolhedor de rios; um esticador de horizontes”.

2 RAMOS, Graciliano. Histórias de Alexandre. Rio de Janeiro: editora Record, 2007.
3 BARROS, Manoel. O livro das ignorãças. Rio de Janeiro: editora Record, 2000.

Mas, na bagagem, vai mesmo o básico: gravador, câmera fotográfica e caderneta. Com o tempo e outras práticas, a mala foi ganhando outros apetrechos: uma sacolinha com brincadeiras, um rolo de barbante, lápis de cor, canetinhas, papéis e um bom tênis para acompanhar as andanças dos miguilins – ou, mais recentemente, de cabinhas, como são chamadas as crianças no sertão do Cariri cearense. Mas nada disso serve se ferramentas imprescindíveis não estiverem afiadas: os olhos, a boca e os ouvidos – e, vá lá, braços e pés. É fundamental estar de corpo inteiro – mais a alma, é verdade – no encontro com as crianças.

mulher-ouvido

Recentemente, em palestra em passagem pelo Brasil, a escritora bielorrussa Svetlana Aleksiévitch, laureada com o Prêmio Nobel da Literatura, disse ser uma mulher-ouvido em seu ofício de recolher "sentimentos, pensamentos e palavras" cotidianas e invisíveis para seus livros, que trazem, por exemplo, relatos de adultos que enfrentaram a guerra quando crianças (*Últimas testemunhas*; tradução livre, ainda não publicado no Brasil). Ouvir é mais do que uma ferramenta no trabalho dessa escritora que há tempos tece habilidosamente romances a partir de uma polifonia de vozes, geralmente as esquecidas ou omitidas na história oficial.

Ouvir (ou auscultar, para extrapolar uma simples percepção auditiva), observar e dialogar são o ofício do pesquisador. Um pesquisador-ouvidos-profundos (para "escutar a cor do peixes"), também pesquisador-olhos-esticados (o tal "esticador de horizontes"), ainda um pesquisador-boca-miúda. É preciso estar em alerta para ouvir redobrado, enxergar alongado e falar o necessário (e saber quando não falar). "Nem tudo o que se vê é o que se vê; nem tudo que se ouve é o que se ouve", ouvi recentemente o palhaço Wellington Nogueira[4] proferir num encontro cujo tema era a escuta das crianças.

4 SE ESTA RUA FOSSE MINHA – VAMOS OUVIR AS CRIANÇAS?, 2016, São Paulo.

O antropólogo Vagner Gonçalves da Silva[5], ao falar da entrada do etnógrafo em campo, ilustra essa chegada com um dos ritos de iniciação da cabula, modalidade de culto afro-brasileiro, em que "(...) o adepto deveria entrar no mato com uma vela apagada e voltar com ela acesa, sem ter levado meios para acendê-la (...)". Além do exercício de olhar e escutar, é preciso saber iluminar aquilo que se vê e se ouve, criando seus próprios meios para tanto.

ver é inventar

Se o olhar é uma dessas potentes ferramentas, é fundamental também reconhecer a multiplicidade do visível. Ou seja, há muitas maneiras de ver e interpretar – acender a vela ou iluminar uma infância. A filósofa Viviane Mosé traça uma forte relação entre ver e imaginar: "Ver, portanto, é antes de tudo criar, na medida em que é reduzir, contornar; ver é inventar". São tênues as linhas entre realidade e fantasia, assim como também versa o já citado poeta Manoel de Barros: "O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo"[6].

E foi numa busca em transver – ou inventariando (observando, reunindo, imaginando) – que mais recentemente adentrei o território dos cabinhas – ou a Terra de cabinha. De olhos bem abertos, percorri muitos terreiros em parceria com o fotógrafo Samuel Macedo, nascido na região e, portanto, com as lentes genuínas de um cabinha. Juntos, acompanhamos os cotidianos infantis, caminhamos pelo território para mapeá-lo afetivamente, conhecemos como é crescer naquele universo e também ouvimos as histórias, as sonoridades e as expressões da fala que permeiam aquela infância, num fluxo permanente entre o visível e o invisível, compondo um inventário de ser criança.

5 SILVA, Vagner Gonçalves da. O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas etnográficas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: Edusp, 2000, p. 9.
6 BARROS, Manoel de. Livro sobre nada. Rio de Janeiro: editora Record, 1997, p. 75.

Tal inventário foi sendo elaborado não apenas a partir do que se vê ou do que se ouve ou do que se fala. Mas a partir do que se vive, de corpo inteiro, junto às crianças. A criança é uma narradora de mundos e faz isso por meio de suas pequenas grandes aventuras cotidianas. "(...) a infância é caracterizada pela captura do mundo pela experiência e pela narração do mundo através de práticas. (...) O que se aprende através dos usos dos sentidos não pode ser ensinado através da oralidade. O pesquisador que almeja saber sobre as crianças deve apreender delas como elas apreendem do mundo: pela experiência"[7].

infanciografias

Assim, no encontro com muitos cabinhas, vivemos as peripécias de caçar jumentos pelas capoeiras, seguimos pelas estradas a tradição dos caretas, rodamos pião depois da chuva, rascunhamos um glossário de expressões ensinadas pelos meninos *maluvidos* (ou malcriados, no dizer local), ouvimos histórias de um reino encantado nas pedras. Toda uma atmosfera que só foi possível recontar em imagens e em palavras porque dos meninos e meninas de lá emprestamos os olhos. Estava ali uma multiplicidade de olhares. Meus olhos virados, os olhos de um fotógrafo cabinha, olhos emprestados das crianças.

Sem nenhuma pretensão, mas numa tentativa de se delinear o próprio fazer, chamo esse olhar para as infâncias de um ensaio para alcançar etnografias literárias que partem do real – e recontam a realidade[8]. São uma espécie de *infanciografias*, ou escritas da infância, a partir da observação atenta das narrativas não-verbais das crianças, da escuta que faz ecoar mais do que o dito e do corpo acordado no encontro com a infância outra, num diálogo intenso com a meninice em que fui cunhada. Para falar das infâncias, as narrativas são muitas – e essa é só uma delas. ■

7 SOUSA, Emilene Leite de. As crianças e a etnografia: criatividade e imaginação na pesquisa de campo com crianças. Revista Iluminuras, Porto Alegre, v. 16, n. 38, p.140-164, jan./jul. 2015.
8 RECONTO DO REAL / COMKIDS NÃO FICÇÃO, 2016, São Paulo.

GABRIELA ROMEU
Jornalista e documentarista. Editou o caderno Folhinha, suplemento infantil do jornal Folha de S.Paulo, e coordenou o premiado projeto Mapa do Brincar. Em parceria com Marlene Peret, é idealizadora do Infâncias (www.projetoinfancias.com.br), que registra os cotidianos infantis pelo Brasil. É autora do livro *Terra de cabinha* (editora Peirópolis) e diretora do documentário *Meninos e reis*. É cocriadora do Mapa da Infância Brasileira (MIB).

TECENDO SABERES

Descontruindo métodos pré-definidos, Marie Ange Bordas viaja para comunidades tradicionais para construir colaborativamente livros que retratam os saberes e fazeres das crianças, sempre mesclando arte, fotografia e escrita. A artista e escritora é a idealizadora do projeto Tecendo Saberes.

Em suas andanças pelo mundo, Marie Ange fala que se pauta pelo fluir da convivência, num processo orgânico, em que o papel principal da artista é instigar nas crianças um olhar mais ativo e observador sobre seu entorno, a partir de diversos processos criativos, como fotografar, desenhar e mapear os contextos. Assim nascem os projetos do Tecendo Saberes, como o *Manual das Crianças Huni Kuĩ* e o *Manual das Crianças do Baixo Amazonas*.

Segundo a autora, o mais importante do projeto é o fato de as crianças serem as protagonistas do levantamento e da escolha dos conteúdos do livro, resignificando e colocando em movimento o patrimônio cultural de suas comunidades a partir de seus olhares e sentidos.

Voltados para um público infantojuvenil, os livros têm uma estrutura de manual lúdico e científico que aborda os patrimônios material e imaterial, como língua, culinária, arte, lendas, brinquedos e brincadeiras. Com essas obras, Marie Ange espera que essas crianças quilombolas e indígenas entrem nas escolas e nas livrarias do Brasil pela "porta da frente", através de sua sabedoria e de sua cultura – e não apenas como objetos do estudo da diversidade brasileira.

FOTOS MARIE ANGE BORDAS/TECENDO SABERES

Infância caiçara
Crianças caiçaras andam pelo mato, catam fruta no pé, nadam no rio, conhecem peixes e sabem fazer farinha. Esse cotidiano de meninos e meninas da comunidade da Barra do Ribeira, no litoral da Jureia, está em textos e fotoilustrações do livro *Manual da criança caiçara* (editora Peirópolis), de Marie Ange Bordas. www.tecendosaberes.com

CECIP

Inspirados por um grupo de pensadores como Paulo Freire, Eduardo Coutinho, Washington Novaes e Ana Maria Machado, o CECIP (Centro de Criação de Imagem Popular) foi criado para fortalecer, valorizar e divulgar práticas de participação infantil.

Por surgir com a democracia brasileira e no ano em que foi aprovada a Constituinte, 1989, a organização já nasceu com um viés metodológico forte da criança cidadã ou de um indivíduo que tem propriedade para intervir no mundo, assim como os adultos.

Com foco na autonomia que a criança tem para contribuir com a formação de uma sociedade democrática, o CECIP dá ênfase na atividade de educação, realizando uma série de campanhas sociais que influenciam políticas públicas de inclusão e proteção da infância. Criou projetos como o Criança Pequena em Foco, De Mãos Dadas e o Prêmio Nacional de Paticipação Infantil. Todos com fundamentos que combinam protagonismo e participação infantil.

Cruzando diversos morros cariocas com oficinas que tecem olhares lúdicos pela infância, a organização percebeu que a criança é capaz de olhar para a precariedade dos lugares ou moradias onde vivem transformando-os em espaços de afeto. E essas ações já surtem efeitos nas políticas públicas do município carioca. Para o CECIP, a criança se apropria do que está a sua volta, sente-se fortalecida e com isso sua auto-estima cresce.

Metodologia participativa

Produzido pelo projeto Criança Pequena em Foco, do CECIP, a publicação *Vamos ouvir as crianças?* é um caderno de metodologias participativas que sugere atividades de trabalho. As atividades ajudam a dialogar com as crianças sobre os lugares onde moram, seus modos de vida e desafios cotidianos.
www.cecip.org.br

CARTOGRAFIA DE UMA ESCUTA SENSÍVEL

Criar mapas, construir objetos, fazer desenhos, brincar de faz de conta. Foram muitas as formas de "ouvir" o que dizem as crianças nas ações do processo de escuta lúdica do VIB (Vozes da Infância Brasileira), um dos projetos do Mapa da Infância Brasileira (MIB). Nos encontros, uma das buscas era por imprimir ritmos diferenciados para que os vínculos fossem estabelecidos sem a pressão do tempo que corre em velocidade. Exigiam olhar atento, com calma e disponibilidade para acolher o inusitado, o desconhecido. O papel do pesquisador era às vezes fazer uma simples pergunta, às vezes convidar para brincar, às vezes entrar em cena e às vezes só contemplar em silêncio, observar.

Nesse diálogo, o que pudemos perceber, contemplar, notar, reconhecer? Vivenciamos momentos de encantamento e profunda emoção no encontro com as crianças de instituições diversas de São Paulo. Ao rodar diversas regiões da cidade, fomos, assim, compondo uma cartografia do sensível, com recortes da potência criadora de meninos e meninas de hoje, que, em seus desenhos, maquetes, objetos e gestos, imprimem sonhos possíveis e imaginados.

POR LINDALVA SOUZA
COM COLABORAÇÃO DE JÚLIA NODA, LISIAN LASMAR E RITA CAMARGO

LISIAN LASMAR

O ENCONTRO

CENTRO SOCIAL NOSSA SENHORA DO BOM PARTO/ CASA CORAÇÃO DE MARIA
> ZONA LESTE

Dois bebês, Jasmim e Milan, cada um com cerca de sete meses, estavam próximos, brincavam a uma pequena distância no chão. Milan, que ainda não aprendera a rolar, moveu os braços e as pernas calmamente. Jasmim rolava de um lado para o outro e se mostrava interessada em um pequeno objeto sonoro do lado oposto ao seu. O movimento e o som do instrumento chamaram a atenção da pequena. Ela fazia de tudo para pegá-lo. Milan movimentou as mãos lentamente, acariciou o tecido de chita que cobria o chão. Tanto encantamento naquelas cores carregadas de cultura popular. Sua investigação minuciosa na movimentação do tecido permitiu a descoberta de um pequeno fio. A descoberta seduziu a criança, que permaneceu maravilhada. Jasmim e Milan estavam finalmente próximos, mas não se percebiam. Cada um deles se interessava por coisas diferentes. O movimento da Jasmim de lá pra cá pra encontrar seu objeto lúdico permitiu que as suas costas se encostassem aos pezinhos de Milan. Jasmim, que era puro resmungar, percebeu seu parceiro disponível para interação e cessou o choro. A proximidade do corpo do outro bebê que mantinha as pernas imóveis permitiu a Jasmim fazer uma pausa. Ela se aconchegou o melhor que pôde nos pés do Milan. Milan percebeu e sorriu. Jasmim se descobriu próxima, acarinhada naquele breve instante. Esse momento provocou em mim surpresa e admiração, pois o tempo ficou suspenso para registrar a magia e o encantamento do encontro entre os bebês Jasmim e Milan, recém-chegados ao mundo.

CELEBRAR A VIDA

CADÊ BEBÊ
> ZONA SUL

“Mama, oh!”, expressou o pequeno Antônio, um ano de idade, e apontou para o bebedouro. A mãe atendeu ao pedido da criança, seguiu na direção indicada pelo filho, pegou um copo com água para ela e ofereceu outro ao pequeno. Antônio pegou o copo e exclamou: “Mama, bide!”, direcionando seu copo com água no copo da mãe. “Brinde!”, falou a mãe e a celebração se fez. “Ele adora brin-

dar!", comentou a mãe. A criança ficou eufórica, queria mais: "Mama, bide". E os dois brindaram novamente. "Fazemos isso todo dia", comentou a mãe. A euforia da criança para esse pequeno gesto me contagiou. Estava tão dentro da cena e tão sensibilizada com o momento que pedi para participar do brinde. O menino animou-se com o meu pedido e expressou mais uma vez sua frenética dança. Agora todo o corpo se movimentava em sinal de aprovação. A mãe também autorizou a minha participação naquela celebração e me entregou um copo com água. O pequeno demonstrou alegria e disparou largo sorriso. Nós três brindamos com entusiasmo e festejamos aquele breve instante. Sorvemos lentamente a água, um precioso líquido, em gesto de compromisso. Celebramos nosso pacto com a vida naquele momento e o tempo ficou suspenso... Aqui evidencio a transformação de quem observa e se vincula. Um momento que parece ser tão corriqueiro na vida das crianças e inesperado pra mim. Oportunidade para vivenciar e registrar pela primeira vez um breve instante de profundo respeito à celebração da vida.

POR UM FIO

PEPE INTERNACIONAL
DA PRIMEIRA IGREJA
BATISTA DO BRÁS
> CENTRO

O menino boliviano Vismar tentava se comunicar em uma "língua" que eu não entendia. Não parecia ser espanhol. Quem sabe um dialeto boliviano ou outra língua da região? Tímido, ele não desgrudava de um elástico, que ora era guardado no bolso, ora era colocado sobre a mesa, o que deixava a criança concentrada. Fiz uma aproximação com um gesto: estiquei o elástico que o menino segurava e ele sorriu. Ele repetiu o movimento: esticou o elástico, colocou-o na mesa e depois guardou-o no bolso. Foi então que me lembrei das brincadeiras com barbante e da variedade de formas que poderiam surgir a partir das manobras criadas com as mãos. Cortei um pedaço do fio do barbante, amarrei as pontas e arranjei na mesa para ver a reação dele. O menino repetiu o gesto demonstrando interesse e houve correspondência na comunicação. Vismar imediatamente se colocou em movimento para cortar e amarrar barbante. Ele demonstrou contentamento no gesto,

pegou o barbante amarrado e resolveu colocá-lo no pescoço de um bebê, filha de uma das educadoras. “Eliana, sua filha ganhou o primeiro colar”, disse. A fala da educadora animou o menino, que aproveitou e cortou outros pedaços de barbante para oferecer às outras educadoras. Fez questão de colocar ele mesmo “o colar” imaginário no pescoço de cada um dos adultos presentes. A empolgação de Vismar chamou a atenção de Daylin e Luz Clara, que também se interessaram pelo fio de algodão e interagiram com o menino. O maravilhamento por tantas descobertas permitiu ao Vismar interagir com outras crianças que entraram na brincadeira e permaneceram concentradas no tempo de desenrolar e encompridar barbante.

CORAÇÃO EMBRULHADO PRA PRESENTE

ESPAÇO ALANA
> ZONA LESTE

“... Coração-bobo, coração-bola, coração-balão, coração-São-João. A gente se ilude, dizendo: já não há mais coração!”... Foi assim, cantarolando essa música de Alceu Valença, *Coração Bobo*, que saí depois de um encontro inspirador com Luig, um menino tímido de 9 anos que conheci no Espaço Alana, onde as crianças têm oportunidade para a livre expressão. Lá, numa atividade de desenhar, encontrei Luig insatisfeito com sua criação: um coração que não parecia perfeito. Ao gesto do menino de apagar o desenho, fiz uma observação: “Mas o seu desenho é tão diferente dos outros... Você viu os vários corações desenhados por outras crianças e os educadores?”. Ao observar os desenhos dos colegas, ficou pensativo... Aproveitou aquele tempo só dele para “dar forma” ao seu projeto. Resolveu, então, recriar as linhas da figura. No tempo dele, investigou cores, criou coragem e coloriu “seu coração” internamente. Esperou mais um tempo e separou outras cores de giz de cêra e canetinha. Mais uma pausa e arriscou o contorno... “Dar forma é formar-se:

processos criativos da arte para a infância”[1]. A observação do menino continuou e percebi que ele permaneceu mergulhado no tempo que inventou para finalizar a sua criação. Em gesto cuidadoso e impreciso, imprimiu com energia o desenho. Luig continuou no movimento do seu desenho e percebi que ele dobrava e embrulhava pra presente “o seu coração”. “É pra presente?”, perguntei. Ele fez um sim com a cabeça. “É pra minha mãe.” Delicadamente amarrou a fita colorida para finalizar o seu presente-criação.

1. Dissertação de Sirlene Gianotti sobre a expressão das crianças em ateliê de cerâmica.

LINDALVA SOUZA

MENINOS EM TRAJETÓRIA

CAMI (CENTRO DE APOIO E PASTORAL DO MIGRANTE) > CENTRO

Os meninos Pedro, Francisco e Nilo, amigos inseparáveis, demonstraram entusiasmo com o desafio de registrar no papel linhas e formas que desvendassem os caminhos percorridos pelo trio nas manhãs de domingo, no percurso entre suas casas e a igreja onde são realizadas as atividades do CAMI. Quais percepções eles teriam sobre o lugar onde vivem? Com um tempo prolongado, sem pressa, delinearam traços que traduziram os contornos das ruas, a forma das casas, o desenho dos prédios, o surgimento e o movimento das pessoas, a configuração do espaço público. Durante a atividade, as ações eram colaborativas. “Falta o carro, mas eu não sei desenhar”, disse Nilo. Francisco, o mais jovem, um menino ágil e atento, estava sempre disponível para ajudar. “Eu sei desenhar. Começa pela roda. Depois você faz as outras partes.” “Falta a faixa de pedestre”, comentou Francisco. “Vou desenhar o farol”, arriscou Nilo, completando o desenho. Quando finalizaram a criação de suas imagens do lugar, o trio resolveu fixar os desenhos na parede. Observaram atentamente os desenhos e os detalhes no nome das ruas, a circulação dos carros, a localização dos vizinhos, a falta de áreas verdes, pois eram poucas as árvores. Perceberam que poderiam complementar e reorganizar a paisagem local. E, assim, integraram seus desenhos. Constataram que

alguns caminhos se cruzavam. Resolveram, então, unir os desenhos individuais pelas ruas e criaram um mapa coletivo de imagens. Descobriam que era possível ampliar o papel e criar outras ruas, juntar casas, unir linhas e formas e histórias. Naquele momento, o encontro das ruas apresentavam o bairro inteiro. Passaram então a refletir sobre o que as crianças sentiam falta naquele trajeto, quais suas observações, o que havia de bonito e de feio. “Se a gente virar aqui, dá na outra rua e depois na outra.” Fiquei impressionada com as descobertas e as sugestões para a melhoria do trajeto entre a casa e a igreja feitas pelas crianças.

LINDALVA SOUZA

POESIA CONCRETA

SACOLÃO DAS ARTES/
PROJETO AQUI QUE
A GENTE BRINCA!
> ZONA SUL

O espaço do Sacolão das Artes era transformado semanalmente em um inusitado restaurante por um grupo de crianças. Elas organizavam mesa, cadeiras e utensílios domésticos como panelas, tampas, copos e talheres criando um ambiente diferenciado no lugar. As meninas representavam e se revezavam nos papéis de cozinheira, garçonete, gerente e cliente do restaurante. “É muito legal essa brincadeira!”, repetiam em coro. Alguns meninos e as pesquisadoras foram, então, convidados a participar do jogo inventado pelas garotas. A garçonete, sempre gentil, dizia aos clientes que ficassem à vontade e informava as opções disponíveis no cardápio: “Inhoque colorido, suco natural de laranja e salada verde”. “Sobremesa? Pudim.” A animação era total na brincadeira e a manipulação dos utensílios e a preparação dos pratos eram minuciosas. “O que mais tem pra comer?”, perguntou um cliente. “Tem de tudo, é só pedir.” Na interação, perguntamos como poderíamos pagar aquele “alimento” que nutriu nossa alma. Elas ficaram pensativas. Resolvemos, então, improvisar com papel e caneta nossos cartões de crédito e as notas para pagar a conta. Esse movimento estimulou outras crianças, que também criaram seu próprio dinheiro para quitar o débito no restaurante ima-

ginário. “Você só me deu R$ 5,00. A conta é de R$ 20,00.” Imediatamente, uma das meninas que reconheceu o cartão de crédito desenhado no papel, inventou uma máquina para passar o cartão de pagamento, com lápis e papel. Emocionou o desenvolvimento do enredo de forma espontânea, viva e dinâmica. Tudo era transformado com relação às demandas que surgiam naquele momento. Foi possível observar vivências significativas e desafiadoras na rapidez das respostas, na agilidade do pensamento e ação dos participantes na delimitação do espaço para a ação do jogo.

LISIAN LASMAR

A POESIA DE CADA DIA

PROJETO CASULO
> ZONA SUL

Tayná, sete anos, é uma menina franzina e tímida, construtora de sonhos. Na roda de apresentação, entre muitas crianças, não conseguiu falar por conta da extrema timidez. Os amigos logo avisaram: “Ela não gosta de falar!”. Emergiu o sentimento de quem observa em silêncio: eu também sempre fui bem tímida e me dava enorme frio na barriga quando tinha que me apresentar. Mais tarde, ao finalizar a atividade de desenho, ela por acaso ficou ao meu lado. Tayná se dedicava a construir um pequeno objeto em dobradura com alguns papéis que estavam por ali. Dobrava aqui, virava, dobrava ali cuidadosamente. Para finalizar, criou pequenos desenhos coloridos em forma de coração. De todo esse movimento surgiu uma máquina de tirar fotos em dobradura de papel! Conversei com ela para saber como se fazia aquele brinquedo e, para minha surpresa, ela falava normalmente. Tinha fala baixa, mansa, tranquila, mas conversava e me explicava entusiasmada como fazia a tal máquina para tirar fotos. Máquina na mão, ela se colocou em posição para fotografar uma amiga que estava próxima. Outras crianças também entraram na brincadeira. Ela aproveitou o meu interesse e tirou uma foto minha com sua máquina de papel. Eu tirei fotos dela em ação com a minha máquina de verdade. Depois, revendo a imagem, percebi a delicadeza dos

seus gestos em capturar as fotos e olhar pelo orifício da máquina fotográfica inventada. Pensei: será que foi porque eu estava ali tirando fotos que ela também quis fazer uma câmera fotográfica? Será que gostaria de ver através da lente da sua câmara o que os meus olhos viam quando eu fazia o registro das expressões das crianças na sala? Criar diálogos, estabelecer vínculos e observar silenciosamente permitiu o registro da história da Tayná, que nos deixa pistas para que tenhamos coragem de reconhecer o potencial poético expressivo que pode surgir quando nos dispomos a encontrar pistas para expressar o que sentimos.

RITA CAMARGO

MOVIMENTO
BOA PRAÇA
> ZONA OESTE

A SEMENTE

Uma história em especial chamou minha atenção naquele dia. Clara, uma menina de 4 anos, desenhava uma árvore. Os traços no papel indicavam que ela tinha experiência e intimidade com a linguagem. Deixou o seu desenho de lado e saiu na direção de outras crianças. Depois de um tempo, ela voltou para onde havia deixado o seu desenho e registrou outra imagem de uma árvore. Fiquei curiosa e perguntei que árvore era aquela. A menina apontou para uma pequena árvore que estava próxima. Caminhei na direção da árvore para ver o que havia de especial naquela planta. Cheguei perto e qual não foi a minha surpresa: era um pé de urucum carregado de frutos secos que, ao serem abertos, revelaram sementes avermelhadas. “Clara, você conhece esta árvore?”, perguntei. Ela disse que não. “É uma árvore de urucum.” “O que é urucum?”, perguntou a menina. “É uma árvore que dá sementes coloridas.” Ela ficou curiosa e então colhemos alguns frutos para observar as sementes. Clara ficou surpresa com a cor das pequenas sementes. “Podemos desenhar com elas. Vamos testar?”, convidei. Ela ficou interessada no experimento. Molhamos as sementes em um copo com água e a menina descobriu que a

LINDALVA SOUZA

cor avermelhada ficava potencializada no contato com o líquido. Sugeri que ela ensaiasse rabiscar no papel e na pele. Entre conversa e experimentação, Clara imprimiu formas no papel, no seu próprio corpo e nas mãozinhas da sua irmã. A expressão singular da menina aproximou gerações, formou novos vínculos, construiu confiança, produziu uma história significativa. ■

INSTITUIÇÕES

CENTRO SOCIAL NOSSA SENHORA DO BOM PARTO/ CASA CORAÇÃO DE MARIA
Entidade filantrópica, ligada à Pastoral do Menor. Foi fundada em 1946, quando um grupo de senhoras católicas decidiram desenvolver ações de assistência a jovens da região.

CADÊ BEBÊ
O projeto foi criado para que os pequenos e seus acompanhantes desfrutem de um espaço para criar, explorar e brincar ao longo dos primeiros anos de vida. Atende crianças até 3 anos acompanhadas dos pais ou adultos responsáveis.

PEPE INTERNACIONAL
É um programa socioeducativo promovido por Missões Mundiais. Oferece às crianças a oportunidade de obter um preparo educacional que estimule seu desenvolvimento integral.

ESPAÇO ALANA
Criado há 20 anos no Jardim Pantanal, bairro de extrema vulnerabilidade na zona leste, fomenta o desenvolvimento local por meio de ações socioeducativas e de articulação comunitária. Atende crianças até 12 anos.

CAMI
(CENTRO DE APOIO E PASTORAL DO MIGRANTE)
Desenvolve trabalhos em comunidades com grande número de migrantes, em parceria com igrejas e outras instituições. Também atua na discussão e na proposição de políticas migratórias.

SACOLÃO DAS ARTES
Um trabalho de construção coletiva, criado para atender crianças, jovens e educadores e ser espaço de referência da cultura lúdica, no Parque Santo Antônio, região sul da cidade de São Paulo.

PROJETO CASULO
Oferece atividades socioeducativas, culturais e de interação comunitária no contraturno escolar. Atua com crianças, jovens e famílias das comunidades do Real Parque do Morumbi e Jardim Panorama.

MOVIMENTO BOA PRAÇA
Iniciativa com a intenção de mobilizar cidadãos e vizinhança para ocupar e revitalizar os espaços públicos, em especial as praças da cidade. Realizam diversas ações, como hortas e piqueniques comunitários.

LINDALVA SOUZA
Arte-educadora e pesquisadora da área da infância, com larga experiência em formação continuada para professores e programas socioeducativos e culturais para crianças. Coordena o Vozes da Infância Brasileira, o VIB, um processo de escuta lúdica, um dos projetos da comunidade colaborativa de aprendizagem Mapa da Infância Brasileira – MIB (www.mapadainfanciabrasileira.com.br), que reúne instituições, fundações, redes, órgãos públicos, ONGs e coletivos que impactam na qualidade de vida de crianças, assim como suas famílias e comunidades.

INFANT PERÚ

FOTOS INFANT PERÚ

Vivendo em palafitas sobre o rio Itaya, na selva peruana, a comunidade de Belén, em Iquitos, estava condenada a desaparecer, vítima de doenças e do descaso do setor público. Mas o curso da história desse rio foi alterado com a chegada da organização Infant Perú.

Em Iquitos, o instituto também desenvolveu uma metodologia que prioriza a escuta das crianças para promover a infância como parte integrante de uma sociedade. Com o método participativo da organização, há rodas de conversas e oficinas de desenhos e fotografias em que as crianças contam como é ser criança, quais são os pontos fortes e fracos e quais propostas apresentam para os locais onde moram.

O resultado dessa metodologia fez nascer meninos e meninas empoderados em Iquitos. Lá, eles desenvolvem diversos tipos de campanhas como exercício de sua cidadania. Hoje, as crianças de Belén são as guardiãs da água e querem transformar seu amado rio Itaya em um porto ecológico da ternura.

Na seca, o rio encolhe e deixa aparente montanhas de lixo em suas margens. Mas um batalhão de crianças, munidas de luvas e máscaras, passam por lá para recolher a sujeira, transformando o lixo em brinquedos e outros tipos de reciclagem.

Na época das chuvas, o rio sobe quatro metros, alcançando as varandas das palafitas. Por muito tempo bebês eram levados pela fúria das águas. Mas, com o projeto Niños al Rescate, as crianças viraram salva-vidas. Capacitadas pelo corpo de bombeiros, elas patrulham o rio e ajudam nos primeiros socorros de crianças pequenas, com menos de cinco anos, que não sabem nadar. Elas também foram protagonistas na aprovação de uma lei, sancionada em 2015, que proíbe castigos e violência contra a infância.

Encontro com as infâncias

O Infant Perú, que surgiu em 1999, também atua em outras 17 localidades do país. Belén é um exemplo dessa iniciativa bem-sucedida. Em outubro de 2016, organizaram no Peru o Encontro Internacional das Infâncias – Com Ternura, um Outro Mundo é Possível. Vale acompanhar o site da instituição. www.infant.org.pe

TE RE-CREO, TUS NOTICIAS

No primeiro episódio da série Te Re-Creo, a telinha mostra três pequenos âncoras que se revezam para apresentar uma enquete que indaga de alunos de escolas colombianas como deveria ser um noticiário infantil.

Logo pipocam reportagens com depoimentos de crianças que Gabi, uma das apresentadoras do programa, se apressa em anotar. “Notícia só para crianças”, diz um dos meninos. Outras respondem: “O programa precisa ter o que as crianças necessitam, querem e sentem” e “é preciso mostrar o que se passa nos colégios”. Finalmente, uma garotinha arremata: “Notícias de crianças não podem acontecer com pessoas grandes porque elas não têm a mesma imaginação que nós temos”.

Foi com essa pauta que todo o conteúdo da série foi consolidado. O programa, pioneiro na Colômbia, é fruto de uma co-produção entre a Secretaria de Educação e a emissora de TV Canal Capital, ambas do governo de Bogotá. A série surgiu em 2013 e em 2014 faturou o prêmio Unicef no Prix Jeunesse Internacional, onde concorreram 90 produções do mundo.

Com cerca de 23 minutos cada um, os episódios mostram crianças como guias de noticiários nas escolas. Temas como jogos, relação entre alunos e professores, culinária e curiosidades são abordados de um jeito que emociona e diverte. Mais do que promover notícias, o programa busca a produção de narrativas do ponto de vista da criança como cidadã.

Mónica Baquero, diretora da série, conta que a produção aconteceu de forma semelhante a qualquer outro programa de TV, que tem pesquisa e pré-produção, mas que sua equipe de profissionais precisou estar atenta para motivar e transmitir confiança às crianças. E, para garantir que os 34 episódios tivessem apenas as perspectivas e o coração das crianças, a produção trabalhou para que os colégios fossem sempre seus aliados em uma luta que objetivou o empoderamento da infância.

TE RE-CREO, TUS NOTICIAS

Qual é a notícia?
No canal do programa no Youtube, há vários episódios do programa colombiano que mostram o protagonismo das crianças ao relatarem as notícias do seu dia a dia nas escolas. Trata conflitos e soluções infantis, promovendo o empoderamento de meninos e meninas.

VER

QUAL É O SONHO?

A premiada série de TV chilena *¿Con qué sueñas?*, transmitida pela Televisión Nacional de Chile, retrata a vida de meninos e meninas com idades entre 7 e 13 anos de diferentes regiões do país. Em cada episódio, uma criança apresenta seu cotidiano, assim como seus desafios e seus sonhos.

INFÂNCIA IKPENG

No filme *Das Crianças Ikpeng para o Mundo – Marangmotxíngmo Mïrang*, uma espécie de vídeo-carta, quatro crianças da etnia Ikpeng ganham vez e voz ao apresentarem sua aldeia, suas tradições, seu cotidiano, seus brinquedos e suas brincadeiras num documentário produzido pelo Vídeo nas Aldeias.

FALA QUE EU ESCUTO

O roteiro do documentário *Disque quilombola* nasceu de um intenso processo de escuta entre a equipe de documentaristas e as crianças de comunidades quilombolas e da periferia do Espírito Santo. Além disso, o filme é um convite a conhecer mais a realidade de meninos e meninas da região.

EMPODERAMENTO INFANTIL

O filme conta a incrível história do protesto das crianças no bairro De Pijp (ou O Cano), ao sul de Amsterdã, na Holanda. O motivo? Queriam mais espaço para brincar. Parece uma reivindicação dos dias de hoje, mas aconteceu em 1972. As cenas das crianças com megafone na mão mostram o empoderamento infantil.

SABERES DA FLORESTA

Em diversos vídeos curtinhos, o projeto Tecendo Saberes mostra a sabedoria das crianças do povo Huni Kui, no Acre, e de comunidades quilombolas do Baixo Amazonas: preparar o açaí, coleta da castanha-do-pará, construir brinquedos de buriti e arco e flecha, entre outras sabenças.

BRINCAR PELO BRASIL

O projeto Território do Brincar, que ouve a criança por meio dos gestos do brincar, tem disponível on-line uma série com 26 minidocs. Dá para passear por um Brasil que brinca de amarelinhas, palmas, bolinhas de gude, piões, barquinhos, carrinhos e casinhas, entre outros. www.territoriodobrincar.com.br

MINHA TV

Fruto de oficinas de audiovisual durante as filmagens do longa-metragem Era o hotel Cambridge, o canal TV Cambridge traz documentários feitos por meninos e meninas de uma ocupação em São Paulo. Nos curtas, as crianças mostram seu cotidiano e exercitam novos modelos de representatividade.

VER

INVENTÁRIOS INFANTIS

O site do Infâncias reúne textos, vídeos, áudios e fotos que mostram a vida das crianças pelos quintais do país. Ali é possível ouvir uma cantiga de ninar do povo Xikrin ou meninos do Vale do Jequitinhonha (MG) falando da natureza. Há ainda artigo que trata da relação da criança com seu quintal (ou universo particular).

www.projeto infancias.com.br

VOZES DO MUNDO

O projeto Voices of Chidren reúne educadores de vários países com a missão de ouvir de diferentes formas a perspectiva infantil sobre direitos. O resultado será o documentário Voices of children. Abaixo, conheça o vídeo que fala mais sobre o projeto e confira a experiência sendo realizada em Salvador, na Bahia.

DESEJOS GENUÍNOS

O que queremos para o mundo? é um projeto transmídia que tem o objetivo de estimular a sensibilidade infantil em busca de inspirações para um mundo melhor. Por meio do audiovisual, diversas atividades e experiências estéticas são desenvolvidas para potencializar o protagonismo das crianças.

www.oquequeremos paraomundo.com.br

LER

DIVERSIDADE DE LINGUAGENS

Escrito por Adriana Friedmann, o livro *Linguagens e culturas infantis* traz a diversidade das expressões das crianças a partir de imagens, episódios lúdicos, produções plásticas, relatos e imaginações. Propõe leituras circulares ao observar e ouvir as crianças, colocando em diálogo as áreas da antropologia, filosofia, psicologia e artes.

Cortez Editora

BOCA NO TROMBONE

Produzir comunicação é um direito de todos, inclusive das crianças. É por isso que o Cala Boca Já Morreu, uma associação sem fins lucrativos, promove diversas oficinas de fotografia, rádio e uso de tecnologia com pessoas de todas as idades. No site, vale ouvir o programa Criança fala no rádio.

www. cala-boca jamorreu.org

PALAVRA DE CRIANÇA

Casa das estrelas é um dicionário poético que dá voz a meninos e meninas de uma escola colombiana. Foi organizado pelo educador Javier Naranjo, que reuniu as definições de extrema poesia durante dez anos. Para Naranjo, “sem a voz da criança não há descoberta, nem poesia, nem paraíso, nem dor (...)”.

Foz Editora

PEDAGOGIA POÉTICA

Severino Antonio e Katia Tavares tratam da poesia e filo-

LER

sofia intrínsecas à infância no livro *Uma pedagogia para as crianças*. Entrem questões inspiradoras, os autores tratam da poética do vestígio (brincar com resíduos do mundo) e do pensamento por imagens operado pelas crianças.
Editora Adônis

TERREIRO DA INFÂNCIA

As tradições, as histórias, as brincadeiras do Cariri compõem um relicário da infância no livro *Terra de cabinha – Pequeno inventário da vida de meninos e meninas do sertão*, de Gabriela Romeu, com fotos de Samuel Macedo. É um convite para adentrar uma infância tão longe e tão perto de todos nós.
Editora Peirópolis

ÉTICA NA PESQUISA

Em artigo publicado no site Promenino, a educadora e antropóloga Adriana Friedmann fala da importância da ética nas pesquisas com as crianças. Entre outras questões que aborda, ela fala da importância em obter a autorização formal da própria criança ao inseri-la na pesquisa.

CASA AZUL

Criada em 1992, a Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri empodera meninos e meninas do sertão do Ceará. Lá, entre as brincadeiras que acontecem no Parquinho de Véi Leonso, são as crianças que fazem a gestão dos espaços – museu, biblioteca, videoteca rádio e outros.
www.fundacaocasagrande.org.br

CARTA DE GUIMARÃES

O projeto Carta da Cidadania Infanto Juvenil construiu de forma participativa um documento de definição estratégica para a promoção dos direitos das crianças e dos jovens no município de Guimarães, em Portugal. Vale navegar pelo site e conhecer melhor a experiência, que leva a sério a criança cidadã.

CIDADE EXEMPLAR

Cidade educadora há vinte anos, Rosario (Argentina) tem uma experiência ímpar com o Conselho de Crianças, instância participativa que empodera meninos e meninas. Outra iniciativa é o Tríptico de la infância, que reúne três espaços públicos (El jardín de los niños, La granja de la infancia, La isla de los inventos).

EXPERIÊNCIA GOIANA

Seguindo a filosofia democrática e inspirada na Escola da Ponte, a Escola de Ser é um projeto social localizado na cidade de Rio Verde (GO). No espaço, as crianças são sujeitos ativos do próprio processo de aprendizagem, participando da elaboração do próprio currículo e também da gestão do projeto.
www.escoladeser.org.br

Idealização
Mapa da Infância Brasileira

Edição
Adriana Friedmann
Gabriela Romeu | Estúdio Veredas

Redação
Gabriela Romeu
Marlene Peret

Artigos
Adriana Friedmann
Gabriela Romeu
Lindalva Souza
Renata Meirelles e David Reeks
Severino Antonio e Katia Tavares

Capa e projeto gráfico
Raquel Matsushita

Diagramação
Cecilia Cangello | Entrelinha Design

ILUSTRAÇÃO CLAIRE HOMEWOOD

www.mapadainfanciabrasileira.com.br

Apoio

Bernard van Leer FOUNDATION

ISBN 978-85-93166-00-6